ANO 25.º — QUARTA-FEIRA, 16 DE MAIO DE 1945 — N.º 8071

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA — ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

O inferno de Dachau

Impressões de uma visita aos campos de concentração

(Do nosso enviado especial NORBERTO LOPES)

DACHAU, 12.—O Alto Comando Aliado convidou alguns jornalistas de países neutros para verificarem, com os seus próprios olhos, os horrores dos campos de concentração alemães. A verificação está feita. Depois de visitar Dachau, podemos testemunhar, com plena consciência, segundo o que vimos e os depoimentos que recolhemos, as atrocidades que ali se cometeram—as atrocidades que se cometeram em todos os campos de concentração alemães.

Dachau, fica a vinte quilómetros de Munich. Uma estrada que atravessa campos cultivados, por entre vedações floridas e acampamentos de soldados americanos, conduz-nos lá. E' o primeiro campo de concentração construido pelos nazis, o maior e o mais tristemente célebre.

Passaram por Dachau algumas celebridades mundiais. Foi dali que o ex-chanceler Schuschnigg partiu para a morte, depois dum longo cativeiro. A mulher e uma filhinha de quatro anos, que viu a luz na cela da prisão, continuam em Dachau.

Daladier, Reynaud, Blum e o bispo de Clermont Ferrand estiveram, numa determinada altura, em Dachau, quando os alemães tiveram de abandonar a França, levando consido os refens que tinham sob custódia.

Dachau foi projectado para dez mil prisioneiros. Pois chegou a ter mais de 35 mil e ainda hoje tem 32 mil, segundo o cômputo dos americanos. Polacos, judeus, russos, alemães, franceses, italianos, belgas, espanhois, gente que pertence a vinte cinco nacionalidades e que foi presa, tanto nos países ocupados como no Reich.

A lista inclue quatro portugueses, mas não nos foi possível descobri-los.

Aquilo que vimos e ouvimos excede tudo quanto a imaginação pode conceber. Valia a pena ter ganho a guerra só para libertar a humanidade dêste horrivel pesadêlo. Dachau é uma legenda de degradação e de ignominia. Uma nódoa que é preciso lavar da face da terra para sempre.

Para trás do dia 7 de maio fica Dachau. Para diante, queremos acreditar que se faça alguma coisa de novo, de bom e de generoso para dignificar o homem e redimir a humanidade das suas culpas.

O campo de concentração ocupa uma vasta área cercada de muros altos e vedação de arame farpado, onde se alinham dezenas de barracões de madeira, uns mais «confortáveis» do que outros, mas todos de aspecto miserável e de interiores imundos. Abaixo de tudo quanto se possa conceber, há o «Ghetto», a parte do campo destinada aos judeus, os blocos fechados, onde ninguém podia entrar e que não eram mostrados nem mesmo aos dirigentes nazis quando iam visitar Dachau. O «Ghetto» é a ultima degradação, a ultima das ignominias. Os

Um prisioneiro do campo de concentração

prisioneiros viviam ali em piores condições do que suinos numa pocilga. Dormiam, como, de resto, em todos os barracões, numas tarimbas sobrepostas em vários planos, aos três, quatro, cinco e ás vezes mais por cada tarimba e nas mais precárias condições de higiéne. Os beliches não tinham colchão, os lençóis eram de papel e, no inverno gelado da Alemanha, cada prisioneiro tinha direito a um cobertor. Sofriam maus tratos, fome, frio, miséria. Era uma agonia lenta e demorada. Era um sofrimento fisico e moral inenarrável. O depauperamento, a doença, a morte, o fôrno crematório. Médicos, advogados, sacerdotes, escritores, jornalistas, operários, vindos de todos os pontos da Europa ocupada e da própria Alemanha, arrastavam em Dachau uma existência miserável, em condições abjectas.

A ordem de Himmler chegou tarde

Himmler dera ordem para evacuar o campo e exterminar todos os prisioneiros que não pudessem ser transferidos. Mostraram-nos o telegrama. Dizia que era necessário evitar, a todo o custo, que algum caísse nas mãos do inimigo. A comissão especial das SS chegou ao campo, em 15 de abril, para apagar todos os vestigios dos crimes que ali se tinham praticado.

No dia 25, foi dada ordem para evacuar rápidamente Dachau. Sete mil prisioneiros chegaram a estar prontos para partir. Só algumas centenas o puderam fazer.

(Continua na pag. central)

Gamelin afirma que em 1940 o armistício não era preciso

PARIS, 16.—A rádio desta cidade disse que o general Gamelin, comandante chefe dos exercitos franceses, nos primeiros meses da guerra, disse:

—Estou convencido de que, se tivesse conservado o meu comando, não teria havido armisticio, pois nunca julguei que fosse necessario e nunca desesperei da vitória.

Gamelin depunha na instrução contra o marechal Pétain.

Explicando o seu silencio no julgamento de Riom, em que compareceram os politicos franceses, disse:

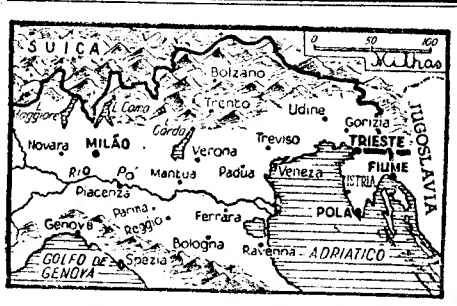
—Não desejei deixar-me arrastar numa discussão tecnica de assuntos militares, em presença dos alemães. Para mais, o govêrno de Vichy exerceu sobre mim violenta pressão para eu falar inteiramente durante as audiências. Desejava que eu falasse e isso era um motivo bastante para eu me conservar calado.—(R.).

Desapareceu o homem

que raptou Mussolini

JUNTO DO 3.º EXÉRCITO AMERICANO, 16.—As autoridades militares aliados procuram encontrar o alemão Otto Skourzeny, especialista em missões de espionagem e sabotagem. O referido individuo, que é excepcionalmente alto — 1m,95 — e tem a cara coberta de cicatrizes, foi o organizador da missão de paraquedistas que operaram a espectaculosa fuga de Mussolini, quando êste estava prisioneiro de Badoglio. Skourzeny desapareceu agora com grupos dos seus mais dicididos colaboradores, recrutados entre todas as tropas da Alemanha. Numa busca que se passou na montanha fronteiriça do Reich com a Checo-Eslováquia, encontrou-se o seu diário, mas ignora-se o paradeiro dêsse individuo, que pode estar a organizar guerrilhas para atacar os exércitos de ocupação. — (R.).

A situação em Trieste



A situação em Trieste encontra-se, por emquanto, mal esclarecida. Mas não há duvida que ela justifica tôdas as inquietações e não é de excluir a hipotese de que se agrave durante os próximos dias. A tendência para deixar ás autoridades militares, o marechal Alexander, dum lado, o marechal Tito, do outro, o encargo delicado de negociar vai decerto contribuir para adensar a atmosfera de inquietação que se estabeleceu em volta daquele porto do Adriático. Há em Trieste soldados jugoslavos e soldados neo-zelandeses, êstes ultimos comandados pelo general Freyberg, que se distinguiu durante a campanha de Africa, e mais tarde em Itália. Excluida a possibilidade duma solução conseguida pela indicação duma terceira potência, por conversações directas entre os interessados, resta a esperança de que a camaradagem de armas, afirmada ao longo de uma guerra de quási seis anos, consagre um arranjo transitório que evite o espectáculo lamentavel dum recontro entre aliados.

A irredutibilidade das posições tomadas transparece nas linhas do noticiario que o telegrafo diariamente nos fornece sobre o assunto. Por detrás dêsse noticiario há a paisagem perturbada dos interesses que se chocam, e das aspirações que procuram uma satisfação apressada antes que seja demasiado tarde.

Os pontos de vista inglês e jugoslavo

O marechal Alexander, comandante chefe das fôrças anglo-americanas, está encarregado de interpretar o ponto de vista britanico nas diligências que estão em curso para a liquidação do incidente de Trieste. Esse ponto de vista apoia-se em argumentos mais de ordem formal que de ordem real. A Grã-Bretanha deseja vêr resolvidas na Conferência da paz, e não antes disso, todas as questões relativas ao futuro ajustamento das fronteiras territoriais no continente europeu. Por outro lado, estando a cidade de Trieste incluida no territorio italiano á data da cessa-

(Continua na 11.ª pag.)

Não se sabe de Himmler

Q. G. DO 21.º GRUPO DE EXÉRCITOS, 16—(Do correspondente especial da Reuter, Denis Martin)—Himmler acha-se ainda na área de Flensburg, na fronteira germano-dinamarquesa, mas as informações de que êle fôra entregue ás fôrças britanicas são inteiramente falsas, segundo se anuncia. O seu paradeiro exacto não se conhece ainda e não se sabe mesmo se está a ser mantido pelas fôrças alemãs que capitularam ou se se escondeu.—(R.).

Duas grandes manifestações

ao Chefe do Estado e ao Chefe do Govêrno

pela política de Portugal durante a guerra

Uma grande manifestação nacional, constituindo um preito de reconhecimento que perdurará certamente na história politica portuguesa, vai realizar-se no sábado, em Lisboa. O venerando Chefe do Estado e o prestigioso Presidente do Conselho e ministro dos Estrangeiros receberão do povo, advindo de tôdas as províncias de Portugal, o testemunho da sua gratidão por, mercê de uma politica externa nobre, digna e inspirada nos superiores interesses da Pátria, haverem logrado poupar o país a tôdas as calamidades da guerra.

A iniciativa partiu da Associação Central de Agricultura Portuguesa, e foi imediatamente acolhida com tal entusiasmo e fervor patriótico, que houve de dar maior amplitude ao primeiro projecto, e constituir uma comissão formal, que pudesse levar a efeito, com grandeza indispensável para a satisfação da consciência nacional, a manifestação publica planeada. A essa comissão preside o antigo ministro sr. coronel Lopes Mateus.

No manifesto da comissão executiva encontra-se esta passagem:

«Trata-se de um solene testemunho do agradecimento devido a quem soube poupar a Nação a tôdas as calamidades da guerra, sem que para isso faltasse ao menor dos seus compromissos internacionais, repudiasse algum dos princípios basilares que presidem aos destinos colectivos ou descuidasse, por um momento, apenas, a legitima

(Continua na pag. central)

VIDA OFICIAL

O «DIARIO DO GOVERNO» PUBLICOU HOJE

Portaria nomeando o sr. Marc Régagnon professor de prática de lingua francesa no Colégio Militar da Luz.

■ *Portaria louvando, pelo Ministério da Guerra, a firma do Pôrto, Silva, Barros Limitada, por haver oferecido colaboração insistente numa obra destinada á colónia de férias do Instituto de Odivelas.*

■ *Portaria nomeando o engenheiro agrónomo Henrique Teixeira Queiroz de Barros e dr. António Branquinho de Oliveira professor catedrático do Instituto Superior de Agronomia, por dois anos.*

■ *Decreto que permite que aos técnicos das missões nomeadas para proceder ao reconhecimento geral das necessidades de melhoramento e apetrechamento dos pequenos portos marítimos dos Açôres e da Madeira possam ser atribuídas gratificações mensais durante os períodos de ausência do continente.*

■ *Decreto que cria a missão de estudo e combate da doença do sono na Guiné, e fixa o seu pessoal, obrigações e vencimentos.*

O PORTO pelo telefone

Exposição Suiça

PORTO, 16.—Trabalha-se afanosamente no Palacio Cristal para que seja inaugurada, na proxima sexta-feira, a exposição Suiça, que ocupa as três naves daquele grande edificio municipal. Estamos informados de que a êste importante certame concorrem as mais reputadas empresas industriais da republica helvetica, sendo de presumir que a exposição seja a mais importante das organizadas por aquele país quer dentro das suas fronteiras, quer no estrangeiro. Esta tarde realizaram-se a recepção e a vitima da Imprensa.

Morte de um cigano

No hospital da Misericordia faleceu o cigano Alfredo Gabarros, de 20 anos, casado, cesteiro, natural de Monção que, no dia 7 de abril, foi vitima de uma agressão a tiro, ocorrida em Famalicão, onde residia.

Morto na linha ferrea

Esta manhã apareceu junto á linha ferrea, entre as estações de Campanhã e S. Bento, no lugar do Seminário, o cadaver de um homem, aparentando ter 22 anos, cuja identidade se ignora. O infeliz calçava botas militares e usava o cabelo cortado á máquina.

Na lapela do casaco ostentava um emblema desportivo.

Mulher afogada

Foi hoje identificado o cadaver daquela mulher que anteontem pereceu afogada na Foz do Douro. Trata-se de Alzira da Conceição, de 62 anos, solteira, moradora em Paranhos.

CONFERENCIAS

Amanhã, ás 11 horas, no hospital Estefania, realiza-se mais uma conferencia da série organizada pelo Serviço de pediatria, de que é director o sr. dr. Cordeiro Ferreira. Falará o sr. dr. Silva Nunes, sôbre «Lesões obstétricas do recem-nascido».

—Amanhã, quinta-feira, pelas 22 horas, no Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», o sr. Saul do Nascimento Rodrigues pronuncia uma conferencia subordinada ao tema «A sociedade de recreio alfobre de artistas, relicário de virtudes, construtora de lares». A apresentação do conferente será feita pelo sr. Raul Esteves dos Santos, conhecido publicista.

Rádio Clube Português

O programa semanal de «Musica da América», ao microfone de Rádio Clube Português, será dedicado esta semana, á musica do compositor americano Russell Bennett. Serão interpretados os trechos «Jingle Jangle Jingle», uma das mais populares canções das fôrças armadas americanas; uma melodia da opereta americana «Show Boat», de Jerome Kern, e «Picture for Orchestra», suite sinfónica de Russell Bennett sôbre a musica de Oklahoma, uma das mais populares operetas americanas, ainda em cena em Nova York.

Como habitualmente, o programa terá inicio ás 21 e 30.

O maior e mais luxuoso Dancing de Lisboa
TEL : 81-068

Teatros e Cinemas

EFEMÉRIDES

1857: Estreia-se o actor Vidal, que começou como amador dramático. O seu primeiro teatro foi o Variedades, passando para o Ginásio e, por fim, para o D. Maria, onde chegou a substituir o actor Tasso, quando êste abandonou aquele teatro, para ir com Francisco Palha para o teatro da rua dos Condes. Foi casado com a actriz Luiza Vidal. Faleceu a 20 de setembro de 1869.

Atrás do reposteiro

Está já escolhido o repertório de peças de grande montagem que o empresário Ricardo Covões vai apresentar na próxima época de inverno no Coliseu, a começar na segunda quinzena de setembro.

—Na revista «A Patuscada», que sobe á cena na próxima semana, no Avenida, a actriz Filomena Casado vai desempenhar, entre outros papéis, os de «Joana» e «Narcisa».

—O «compère» da revista «A Rua», em ensaios no Apolo, vai ser interpretado pelo actor Ricardo Santos Carvalho, e intitula-se «O Zé dos Apertos». Na companhia ingressa o actor Armando Machado.

—O bailarino Raul António, que fazia parte do grupo «Verde Gaio», vai ingressar na companhia Rosa Mateus.

—Desligou-se do elenco do Luso a artista Maria Carmen, que vai fazer parte dum outro recinto de variedades a inaugurar brevemente.

—Mário Pedro continua na gerência do teatro Apolo, da emprêsa Piero.

—A bailarina Arlete Lopes estreia-se como discipula na nova revista em ensaios no Avenida.

—O Parque das Camelias, no Pôrto, vai representar êste ano algumas revistas em 1 acto, além, dos espectáculos de variedades.

—Mário Nobre realiza no próximo sábado, no teatro da Casa de Tomar, um serão recreativo, que será também transmitido pela rádio Renascença.

—Diz-se que a actriz-cantora Violante Montanha é uma das artistas convidadas para seguirem brevemente para o Rio de Janeiro.

—Já regressou a Lisboa a actriz Emilia Candeias, que foi a Espanha tratar de assuntos que se relacionam com a sua Agência Artística.

—O empresário Cunha e Silva está já a organizar os programas de variedades a apresentar no verão, no teatro da esplanada da «Voz do Operário».

—A ópera em 3 actos, «Tosca», de Puccini, que ámanhã se canta no Coliseu, tem a interpretação dos artistas Fidela Campina, Salvatore Romano, Pablo Vidal, Lazaro Erauzquin, Cezar Munain e Vicente Riazza.

Os estudantes de Letras

vão representar Molière

Amanhã, ás 17 e 30, um grupo de estudantes da Faculdade de Letras, leva á cena, no Teatro Nacional de D. Maria II, a célebre comédia de Moliére, «Les Femmes Savantes». E' esta a primeira récita do Teatro dos Estudantes da Faculdade de Letras, que se propõe manter-se como organização permanente da Associação Académica daquela Faculdade e levar á cena algumas das obras-primas do teatro universal. Antes da representação, dirá algumas palavras o professor dr. Vitorino Nemésio, que actualmente rege a cadeira de Literatura Francesa da Faculdade de Letras. Assiste ao espectáculo o sr. Presidente da Republica.

Ópera em S. Carlos

Hoje, unica récita com a ópera «Vida Breve» e o bailado «O amor bruxo»

Lola de Aragon e Manuela del Rio são duas verdadeiras artistas consagradas em todo o mundo e que, hoje se estreiam em S. Carlos, no empolgante drama lírico de Falla, «Vida breve», e no bailado «O amor bruxo», também de Falla, sob a direcção do maestro Pedro de Freitas Branco, num espectáculo de elevada categoria. Lola de Aragon, de fama mundial, com a beleza peregrina da sua voz, tem sido aclamada por todos os publicos desde o Scala de Milão até Londres e Nova York, como a ideal intérprete de Mozart e dos grandes autores espanhóis. Manuela del Rio é a famosa bailarina considerada pela sua arte, pelo fôgo da sua alma, pela sua graciosidade, a maior intérprete do bailado clássico espanhol, que além da sua actuação na «Vida breve», se apresenta com o seu corpo de baile em «O amor bruxo», estreando-se ainda na ópera de Falla o tenor Ordony e o barítono Ansensi, duas vozes privilegiadas, completando o conjunto o baixo Sabat, Elena Lucci, Irene Servais e José Teixeira. Para o brilhantismo e magnificencia do espectáculo, os cenários são todos novos. Os da «Vida breve», cuja acção se passa em Granada, são de Garcia Ros, maquetas de Viudas e Burgos, e os de «O amor bruxo», cuja acção se passa em Cadiz, são de manuel Oliveira, sob maqueta de Hugo Manuel. No sábado e na segunda-feira realizam-se as duas ultimas récitas de assinatura e ultimas da temporada, com as óperas «Werther» de Massenet e «Bodas de Fígaro», de Mozart, que se canta pela primeira vez em Portugal.

A ópera «Lohengrin»

Hoje, em espectáculo unico, no Coliseu

O Coliseu não tem sido apenas um motivo de alegria de Lisboa, pois que vem servindo integralmente a cultura e o progresso espiritual do nosso publico. Assim, a Empresa, apenas com o firme propósito de agradar ao publico e lhe fornecer bons espectáculos culturais, não se poupa a esforços para o fazer.

A grande cantora Mercedes Capsir

Sem ajudas exteriores, sem qualquer espécie de subsidios ela traz a Lisboa tudo o que, debaixo do ponto de vista artistico, possa ser uma fonte, um elemento e uma escola de arte para o publico.

Está nêste caso a Grande Companhia de Opera Italiana, que desde a sua estreia em Lisboa tem alcançado um exito digno de nota e levado ao Coliseu um publico numeroso, ansioso de ouvir as suas partituras musicais mais queridas. Pena é que esta grande companhia entre agora na sua ultima semana e tenha tão cedo que nos deixar.

Hoje, em espectáculo unico, apresentar-se-á a célebre ópera em 4 actos, de Ricardo Wagner, «Lohengrin», para estreia da soprano Mercedes Capsir, uma das artistas mais ovacionadas e mais escolhidas do nosso publico. A seu lado cantará o formidável tenor Pablo Civil e o grande contralto Conchita Velasquez. A orquestra, composta de professôres nacionais e estrangeiros, será regida pelo insigne maestro José Sabater.

O publico vai hoje, mais uma vez, encher a vasta sala do Coliseu, para aplaudir um magnifico espectáculo de arte.

Quinta-feira, estreia da «Tosca», com Fidel Compiña, Salvatore Romano e Pablo Vidal.

RECINTOS DE DIVERSÕES

Pela emprêsa do Cristal foi proposto contrato á estrêla de baile italiana Renata de Alba, que actualmente se encontra em Barcelona.

—Estreou-se ontem, com grande êxito, no Miami, a bailarina Mariana.

«O GLOBO»

Comemorando o seu aniversário publica um numero de 16 páginas de palpitante interêsse e profusamente ilustradas.

Sumário do numero que hoje é posto á venda: *No limiar dum novo ano.—As atrocidades nos Campos de Concentração.—Quando a guerra acaba e se impõe a paz,* por Carlos Ferrão. *—Romain Rolland perdido e reencontrado,* por Marcel Sauvage.—*Passeios pelo meu mundo,* de J. Soares Lopes.—*Curiosidades científicas; Consultorio cultural.—Imprensa de Portugal.—Penas ilustres que contribuiram para a vitória,* um artigo de John Lehman, especial para O GLOBO.—*O novo inimigo da Europa.—A lingua da diplomacia.—Cinema.—A dobragem e os «pais da pátria»,* por Vasco Vidal.—*Rádio,* uma página de Mário Lisboa.—*Charadismo,* etc.

Uma optima leitura por 1$00

Vida desportiva

FUTEBOL

Portugal-Suiça

No Lusitania-Expresso partiram ontem para Madrid, de onde seguirão para Basileia, local onde se efectua na próxima segunda-feira, 21 do corrente, o encontro internacional Portugal-Suiça, os dirigentes da F. P. F., srs. drs. Bento Couto da Rocha, Vicente de Melo e Facco Viana e o maçagista da «équipe» nacional, Manuel Marques.

Os jogadores partem ámanhã, ás 7 e 45 horas, de avião, juntando-se-lhes em Madrid os seleccionados do Belenenses, o seleccionador nacional, nosso colega de redacção Tavares da Silva e o sr. dr. Salazar Carreira, inspector de desportos.

HIPISMO

Chegou a «équipe» espanhola

No «Lusitania Expresso», chegou hoje, á estação do Rossio a «équipe» de oficiais espanhois que vem representar oficialmente o país vizinho nas provas do Concurso Hipico Internacional de Lisboa, que se inicia no próximo domingo. A missão espanhola é comandada pelo sr. coronel Manuel Letónia, da qual fazem parte três cavaleiros da maior categoria internacional, que são os srs. tenentes-coroneis Garcia Fernandez e Hector Vasquez e comandante Gavilau, além dos srs. capitão Ponte Monera, que tem fama de ser um dos mais destemidos cavaleiros de Espanha.

Eram aguardados pelos srs. general Latino, major Almeida Ribeiro, secretário da direcção da Sociedade Hipica, Rogério Macedo, capitão Reimão Meira e Silva, Rodrigo Castro Pereira, director da Sociedade Hipica, coronel Mousinho de Albuquerque, coronel Esmeraldo de Carvalhais, pelo Ministério da Guerra; adido militar espanhol, coronel Prado, major Ivens Ferraz, etc., os quais apresentaram aos nossos hospedes os cumprimentos de boas vindas.

DISCIPLINA DO TRABALHO

Uma comissão encarregada de promover a disciplina contratual

O II Congresso da União Nacional teve ocasião de se ocupar de vários problemas relativos ao regime de trabalho, designadamente no aspecto da sua disciplina contratual.

Agora, foi oficialmente considerada a vantagem de proceder ao estudo dos resultados do debate, apreciando as sugestões formuladas e examinando até que ponto poderão influir na eventual promulgação de adequadas medidas legislativas, pelo que foi nomeada uma comissão para proceder ao estudo daquela disciplina contratual.

Dela fazem parte os sr. dr. António da Mota Veiga, que servirá de presidente, drs. Pereira Barreiro, Alexandre Ribeiro da Cunha, António Amaral Pyrrait, e José Carlos Ferreira, que servirá de secretário.

RATOS DE HOTEIS

VENDAS NOVAS, 16.—Numa pensão desta vila pernoitaram ontem o negociante Manuel António Verissimo, do Montijo, e Carlos Pinto Pimenta, de Gondomar. Esta manhã, quando contava o seu dinheiro, o primeiro deu por falta de quatro notas de mil escudos. Apresentou imediatamente queixa no posto da G. N. R., não tardando a presumir-se que o gatuno tinha sido o Pimenta. Este, que foi preso na estação de Bombel, quando se preparava para tomar o comboio para Lisboa, confessou o furto.

FESTA NACIONAL DA NORUEGA

Passa ámanhã o dia nacional da Noruega, que naquele país se festeja em comemoração da Constituição de 17 de maio de 1814. Por motivo da recente libertação do território norueguês de tropas inimigas, que durante a ocupação proibiram que esta data fôsse festejada, as comemorações dêste ano revestem-se de significado muito excepcional. Por êsse motivo, o ministro da Noruega em Lisboa, sr Fr. Jakhelln, dará ámanhã, ás 17 horas, recepção aos seus compatriotas.

REUNIÕES CIENTÍFICAS

Seguiram para Madrid o sr. dr. Clarimundo Guedes Emilio e outros médicos portugueses, que vão tomar parte no congresso espanhol de odontologia. O presidente da Sociedade Portuguesa de Odontologia, sr. dr. Ferreira da Costa, que se encontra doente, enviou áquele congresso uma comunicação sôbre «Um caso de hemi-resseção do mandibular».

DE LUTO

Francisco José Alves

Da sua residência, rua Angelina Vidal, 84, 2.º, esquerdo, para o cemitério do Alto de S. João, realiza-se ámanhã, ás 10 e 30, o funeral do sr. Francisco José Alves, pai do sr. José Baptista de Carvalho, empregado no comércio.

Sábado, dia 19
não abre
"A MARIAZINHA"
CASA DE CAFÉS
devido á justa homenagem que nêsse dia se realiza

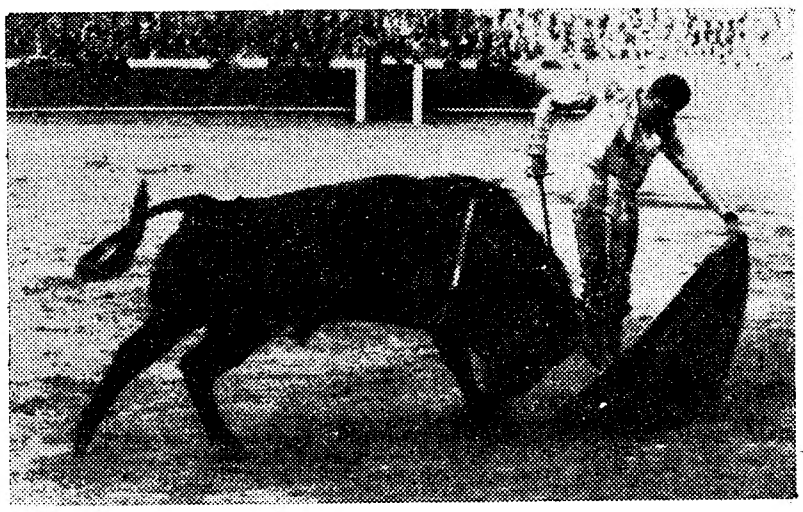
CAMPO PEQUENO

Domingo: 5 «ases»

em 10 touros, do Ex.mo Sr.
João de Assunção
Coimbra

Um «Portugal-Espanha»: SIMÃO DA VEIGA, JOÃO NUNCIO e D. ALVARO DOMECQ, em sensacional competição.

Um «México-Espanha»: SILVERIO PEREZ e PEPIN MARTIN VASQUEZ, em inédito mão-a-mão.



Silvério Perez toureia assim e tão bem que tem uma estátua no México e fez com que os toureiros dali se «Silverizassem», expressão criada pelos mexicanos.

A bilheteira dos Restauradores abre ámanhã, 5.ª feira, ás 11 horas. E' um aviso!

MIAMI O MAIS ANIMADO E SELECTO DANCING DE LISBOA

Apresenta a simpatica vedeta de baile

MARIANA

que ontem obteve um formidavel êxito

NO PROGRAMA:

INA MONTEMAR ESTRELA DA RADIO SUL-AMERICANA

PYL y MYL e seu Ballet

ORQUESTRA **CARAVANA** SOB A DIRECÇÃO DE FRED TRINSHER

E OUTRAS GRANDES ATRACÇÕES

CONCHA O MAIS CARACTERISTICO CABARET DE LISBOA

HOJE

Estreia de **PEPITA BALLESTEROS**

No programa: **OUTRAS GRANDES ATRACÇÕES**

ORQUESTRA LUSO-BRASILEIRA com ALFREDO LOPES

Brevemente, pela 1.ª vez em Portugal

MARGARITA RIBAS

MEIAS

A BEM SERVIR

QUALIDADE E PREÇO

CASA PAIVA — R. do Ouro, 203

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—A's 22—«Vidas sem rumo».
APOLO—A's 20 e 45 e ás 22 e 45—«Bolacha americana».
COLISEU—A's 21 e 30—«Lohengrin».

CINEMAS

S. LUIZ—«A irmã do seu criado».
TIVOLI—«A noiva do Brasil».
EDEN—«A mulher que não sabia amar».
POLITEAMA—«Confiança no futuro».
TRINDADE—«A vizinha do lado».
GINASIO—«Confio-te minha mulher».
ODEON—«Zona internacional».
PALACIO—«Zona internacional».
CAPITOLIO—«Revolta na cidade».
OLIMPIA—«O terror dos malfeitores».
TERRASSE—«Levemente perigoso».
REX—«Perdão de pai».

VIDA MUNDANA

CONCERTO DE BENEFICENCIA

Promovido pela União Noelista Portuguesa, realiza-se depois de ámanhã, sexta-feira, pelas 16 horas, no cinema Tivoli, um concêrto de beneficência.

Nesta tarde de arte, que promete um brilhante êxito, colaboram os ilustres artistas Stella Tavares, professor Abreu Mota e a Polyphonia.

Os bilhetes que ainda restam, podem ser pedidos pelo telefone 4 6986.

FESTA DE CARIDADE

No Capitólio, realiza-se no sábado uma «matinée» de caridade, em favor do Centro de Assistência Social da Trafaria.

«AO CAVIAR IMPERIAL»

RESTAURANTE - BAR - CHA'

A MAIS SELECTA ASSISTENCIA NO MAIS REQUINTADO AMBIENTE

R. 1.º DE DEZEMBRO, 71

Tel.: 20821

CRISTAL BAR-DANCINC DA MODA

Hoje e tôdas as noites

AS ATRACÇÕES QUE O PUBLICO APLAUDE

MARY-MERCHE E SEU BALLET

QUARTETO **CAMAGÜEY**

Orquestra **CRISTAL** E OUTRAS ATRACÇÕES

RETIRO DOS MARIALVAS

Guiomar da Conceição

Aurora Sobral

A's 21 horas, *grandioso espectáculo de fados, desgarradas* e outros atractivos, em que tomam parte as mais *novas artistas* desta empresa, num conjunto radiante de *mocidade e beleza.*

Amanhã, estreia nêste «Retiro», da revelação da rádio

— LIDIA NUNES —

Marcam-se mesas pelo telef. 25676.

Meu menino,
— Lembre à Mamã que o
Salão de Chá MINERVA
é o encanto de todos os meninos
R. José Falcão - Av. Almirante Reis, 142
Telef. P.B.X. 52249

BORDADOS
e ALTA COSTURA
Rua dos Sapateiros, 139, 3.º D.
Tel. 2 3754

São Luiz — 2.ª SEMANA — **A irmã do seu criado** — com Deana Durbin, Franchot Tone e Pat O'Brien — T. 27172—A's 9.30

TIVOLI — **A NOIVA DO BRASIL** — A's 21 e 30 — TELEF. 50595 — Filme policial português — Realiz. de SANTOS MENDES

POLITEAMA Sil TEL. 26305 — ULTIMA — **Confiança no futuro** — com John Garfield e Anne Shirley — Hoje, A's 21 e 30

EDEN — A mulher que não sabia amar — (EM TECNICOLOR) — com Ginger Rogers — A's 21,30 — telef. 2 0768 — «Matinées» diárias

ODEON — A's 21 e 30 — ESTREIA — **Zona Internacional** — com Georges Sanders e Virginia Bruce

PALACIO — A's 21 e 30

Trindade — 2.ª SEMANA — **A vizinha do lado** — Filme de LOPES RIBEIRO, com 8 ESTRELAS — A's 21 e 30 — Tel. 20000 — «Matinées» diárias

GINASIO — TELEF. 2 0555 — A's 21 e 30 — ESTREIA — Confio-te minha mulher — com Heinz Rühmann

CONDES — **Inês de Castro** — de Leitão de Barros — com Ant. Vilar, Alicia Palacios, R. Carvalho, Erico, etc — A's 21 e 30

LYS — tel. 48560 — As 21 e 15 — **Levemente perigosa** — **Billy, o vingador**

CAPITOLIO — **Revolta na cidade** — Navios com asas — Telef. 27493-A's 21 e 15

REX — Telef. 2 9656 — a's 21 e 15 — **Perdão de pai** — **Raparigas à solta**

TERRASSE — LEVEMENTE PERIGOSA — Billy, o vingador — Telef. 20917 — As 21 e 15

CENTRAL tf. 24381 — Às 21 e 30 h. — Correspondente de guerra — Viva o casamento

CASINO ESTORIL — A's 21 e 30 — Elas tambem combateram — com Margaret Sullavan

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

HOJE ás 22 horas. HOJE

3 actos de **Olga Alves Guerra**

VIDAS SEM RUMO

Notável desempenho de Raúl de Carvalho, Madalena Sotto, José Gamboa, Maria Clementina, Luiz Filipe, Maria Barroso, Paiva Raposo, Maria C. Real e Pedro Lemos.

Na próxima semana
AS DUAS MÁSCARAS

APOLO TELEF. 2 6843 — 2—SESSÕES—2 — 20,45 e 22,45

Grande sucesso da nova revista

BOLACHA AMERICANA

com **Herminia, «Costinha», Carmencita, R. Santos Carvalho, e as atracções Os Ravazzolo, Peggy e Humberto — Maria Sidonio e António Mestre (acordeonista)**

LUSO Palácio S. Roque Travessa da Queimada, 8-A

Emilia d'Araujo e Manuel Fernandes

A's 21 e 30 — Hoje

Estreia da consagrada artista **Emilia de Araujo,** ouvindo-se também a vibrante cantadeira ILDA SILVA, a pequena fadista MARIA FERNANDA, o rei do riso **António Caricias** e os mimosos cantadores GUILHERME JANEIRO e MANUEL FERNANDES. Solos de guitarra e viola por JAIME SANTOS e MARTINHO D'ASSUNÇÃO.

A'manhã: Noite da Moda, com **Berta Cardoso.**

ARCADIA O Dancing n.º 1 da Capital **ARCADIA**

APRESENTA O MELHOR E MAIOR PROGRAMA DE VARIEDADES NUM ESPECTACULO DE CATEGORIA INTERNACIONAL

PARADA DE BELEZA

É O GRANDE ACONTECIMENTO ARTÍSTICO DE LISBOA

REALIZADO POR UM GRANDIOSO ELENCO DE 30 ARTISTAS E ANIMADO POR DUAS EXCELENTES ORQUESTRAS

«Escravos da morte»

de Guedes de Amorim

Não é facil ser-se um Guy de Maupassant em Portugal. A prolixidade, o defeito —para alguns, virtude—do nosso excesso visual e imaginativo, entorpeçam, adensam, sobrecarregam muitas vezes o que deve ser em estado puro, o verdadeiro conto. Este exige uma técnica, possue os seus canones e os seus limites.

O conto distingue-se da novela pela sobriedade linear, pela condensação, com o minimo de efeitos literários, do facto, necessitando apenas meia duzia de linhas para apresentação das figuras, registo de ambiente, ou cenografia paisagistica.

O conto está para o romance como a «maquette» apontando a linha geral e o movimento da acção, para a estatua, que é um conjunto decorativo e, portanto, cheio de acessorios.

Guedes de Amorim é, sem duvida, um dos maiores contistas do nosso tempo. Dir-se-ia mesmo que o romancista que há nele se encontra mais á vontade, como fogo de talento, inspiração humana e aquele emotivo tão fundo que tem, porventura, a sua voz subterranea num Gorki, nestas pequenas novelas de que «Escravos da Morte» é, apenas, um feixe da sua prodigiosa seara literária. O romancista potente do «Ninho de Aguias», destacado com o prémio academico Ricardo Malheiros, não se deixou dormir á sombra letal dos louros, arduamente conquistados com as mãos a sangrar de trabalho intenso.

Neste novo livro, com o simbolico titulo de «Escravos da Morte», o seu talento iguala o seu sofrimento.

São fragmentos de vida naturalista, arrancados á terra, onde há vozes irmãs de cavadores, dôres ignoradas e silenciosas como raizes, dramas que só êle, com a sua observação penetrantemente diabolica, consegue prospectar e trazer á superficie em mananciais de lagrimas ou como oiro amassado em escorias de ignominias e de perdões.

Guedes de Amorim não faz regionalismo, nem trata os seus quadros em tintas de aguarela, assim como tambem não o explora, tetricamente, com o sentido convencional de que os caracteres rusticos são sempre primários e unilaterais. E' certo, natural e, sobretudo, angustiadamente, humano. O seu barro é modelado, crispado em meia duzia de dedadas vigoorsas e febris, naquela sintese que torna a realidade da vida mais poderosa, mais eloquente. O que no escritor surpreende ainda mais é que todos os seus contos são, por assim dizer, inéditos. Sômos conduzidos ás cegas até a um desfecho inesperado—virtude suprema do contista nato. Guedes de Amorim, que atingiu, no genero, uma supremacia literária, tem em «Escravos da Morte» uma obra-chama, animada por um grande sôpro de emoção. Ela palpita, dir-se-ia mesmo escorrer lagrimas, ou desentranhar-se em gritos, se não explosões de dôr. Contos como «O carro da morte», «Pastores», «Juramento sagrado», «As cardalheiras» são trechos que reproduzem humanidade, localizados, substantivamente nas nossas coordenadas geograficas.

«Escravos da Morte» vai correr mundo. Um dia voltará ás mãos de Guedes de Amorim, traduzido em varias linguas, porque apesar do seu portuguesismo, o seu conteudo literario é universal. Editorial Enciclopedia.

ARTUR PORTELA

---

1 O livro de versos «Poço sem Fundo», a que no ultimo numero fizemos referência, é da autoria do sr. dr. Severiano Barbedo. Pedimos desculpa da «gralha», mas nem sempre se vêem tôdas para as «caçar» devidamente.

2 *Quando as vozes se calam*, romance de Maria da Graça Azambuja. Trata-se de uma obra emmoldurada na paisagem ribatejana, no qual se historía um conflito intimo. Parceria Pereira.

VIDA literária

O PRETO NO BRANCO

O SR. MENDES

Era de meia idade e também de estatura mediana. Não se poderia dizer que fôsse um janota, mas era uma pessoa muito correcta—de calças muito bem vincadas, de risca no cabelo muito bem feita, a barba cuidadosamente escanhoada e nunca ninguém lhe descobriu na gola do casaco um sinal de caspa ou notou que deixasse crescer os cabelos nos ouvidos ou permitisse que se lhe projectassem para fora das narinas as «vibrissas» do nariz. E isto era fácil que sucedesse porque o sr. Mendes tinha muito cabelo e umas sobrancelhas fartas e negras. Este pormenor denota cuidado e frequentes recomendações ao barbeiro: «passe a máquina aqui pelas orelhas; veja-me êsses cabelos das «narinas». Porque, tenho a certeza, que o sr. Mendes, não diria «ventas», nem «mangericos». Além disso o sr. Mendes era chefe de familia e chefe de nem «mangericos». Além disso, o sr. Mendes era chefe de familia e uma pessoa que oferecia todas as garantias. Ocioso quási se torna dizer que nunca fôra preso—nem mesmo em rapaz, pelo Entrudo. E seria até inconveniente preguntar-lhe se tinha respondido em qualquer processo. Cadastro policial e iudiciário, portanto, impecavelmente limpos. Há ainda certos pormenores complementares.

Ela fornecia-se da mercearia da esquina, grande estabelecimento, muito afreguesado, de sortido rico, onde há de tudo, mesmo nos tempos que correm, porque, se é certo que os gêneros vulgares escasseiam para todos e necessitam ser escrupulosamente racionados, nessas grandes casas, tal como nas farmácias, há as especialidades farmaceuticas, assim ali existem a perdiz em conserva, o salmão em lata, a boa bolacha americana, e outras preciosidades alimentares e ruinosas. A firma dêste estabelecimento a que me refiro é sobejamente conhecida e bastará enunciá-la para se avaliar da sua importancia. E' o Carvalho e Geraldes, chá e café. Pois o sr. Mendes, comprava, com frequência, das referidas especialidades—os dôces de Alcobaça, o atum Tenório, a lagosta, os figos do Algarve com amendoa e os pacotes de «tosta holandesa». Dize-me o que comes, dir-te-ei quem és. O sr. Mendes era uma pessoa

(Cont. na 9.ª pag.)

MAXIMAS

- **Reunir os homens não é o melhor meio para os unir—DE BONALDI.**
- **Os ideais são como as estrelas: nunca as alcançamos, mas guiamo-nos por elas como os marinheiros—CARL SCHURZ.**
- **Sê intolerante se crês possuir a verdade absoluta, mas se realmente crês possuir a verdade absoluta és um imbecil.—R. GUYON.**
- **A crítica é o imposto que o homem paga ao publico pelo facto de ser inteligente:—JONA THAM SWIFT.**
- **Se mudassem o nome á tartaruga ficaria menos feia—M. OBLIGA DE GONELLA.**

«Idolatria»

de ARMINDA FORTES

Arminda Fortes faz passar a sua beleza pelas paginas de Idolatria. Um romance feminino? Evidentemente! Subtil de psicologia, a sentir-se nele o ardor da paixão. Mas as mulheres gostariam de ser assim amadas? Idolatria parece prová-lo. Quarenta e cinco anos depois do seculo XX, materialista, confuso, despersivo, cinico e anti-romantico, êste livro é uma confissão sentimental. Tudo mudou, e o coração tambem, mas muito pouco. Idolatria caracteriza-se por um estilo eterno—o do amor. Arminda Fortes, com a sua pena coroada de rosas, parece sorrir e vencer.

OS NOSSOS CONTOS

Caprichos de amor

por **Pedro Moreira**

Mal rompe a manhã, toda a gente se movimenta no «Monte» da vasta herdade alentejana e assim que chega o inverno surgem, aos bandos, ganhões e almocreves embuçados em capotes de burel, carapuça enterrada até ás orelhas, preparados de botas cardadas e aceifões para resistirem aos rigores do frio.

Uma vez feita a «matadela de bicho», toca a engolir rápidamente a açôrda ou as migas, para se pôrem a caminho da sua árdua labuta de revolver e amanhar a terra que há-de multiplicar a semente lançada e mais tarde ser colhida em fruto sazonado.

Vaqueiros e pastores, vestidos de peles, de aguilhada ou cajado ao ombro, soltam os rebanhos dos currais e bardos á ordem dos maiorais, depois de procederem á ordenha, nos «ferrados», que os «ajudas» conduzem para local próprio.

Durante o dia o «Monte» fica quasi deserto e transforma-se num verdadeiro albergue nocturno, agasalhando caminheiros e pedintes que são alimentados na medida do possivel. Talvez seja devido ás suas condições de vida ou á influência monotona da planicie que o alentejano se arrasta, através da faina agricola, como nos seus canticos dolentes, impregnados de sabôr lirico.

O lavrador da Granja mora em Lisboa para mais perto da ciência tratar dos seus padecimentos e da educação dos filhos. O mais velho, educado em Inglaterra, teve de dedicar-se á lavoura devido á doença renitente de seu pai, atacado de reumático ao ponto de não poder mover as pernas como êle próprio dizia, galhofeiramente:

—O que queres tu, meu filho, que eu faça se a direita está em constante desacôrdo com a esquerda? E' o meu joelho que me apoquenta.

—Qual dêles o aflige mais?

—Ora, qual há-de ser, senão o mais inchado...

—Sim, o pai tem razão. O reumatismo é uma doença que parece ter sido inventada para fazer sofrer a humanidade.

Em tais circunstancias Henrique partiu para o Alentejo disposto a reformar energicamente hábitos rotineiros, introduzindo na lavoura toda a espécie de máquinas modernas.

Despedira-se assim da vida citadina para se entregar de alma e coração ao trabalho, partindo de Lisboa convencido de que tudo iria mudar completamente, metido num êrmo onde ninguem entenderia a sua linguagem e que só na agricultura poderia encontrar a coragem necessária para ver passar dias, semanas, meses e anos, sem que nada de novo o fizesse vibrar.

A sua chegada causou alvorôço no «Monte», pois todo o pessoal da ganharia, desde o maltez ao abegão, lhe apresentou as boas vindas e se informou do estado de saude de seu pai e mais familia, encorajando-o na sua tarefa. Além da gente de aparência rude que o rodeou, foi encontrar uma linda rapariga com tipo de cigana, de olhos faiscantes e tentadores. Era a filha do abegão, de nome Susana, que êste tinha mandado educar, com sacrificio, na justa aspiração de a tornar feliz.

Decorreram alguns dias sem haver ensejo de chegarem á fala e só quando uma noite se juntaram, num «balho», notou nela qualquer coisa muito diferente das outras moças. Por curiosidade convidou-a a «balhar», apercebendo-se imediatamente que Susana possuia uma certa ilustração que até na cidade era raro encontrar, o que muito lhe agradou ao pensar que a vida ali não seria, afinal, tão aborrecida como a principio lhe pareceu.

Depois de Henrique ter abordado o ensaio dos seus projectos, não esteve com meias medidas:

—Quando você regressou dos estudos muito lhe devia ter custado a habituar-se de novo a esta sensaboria permanente!

—Está redondamente enganado. O bulicio da cidade, aquela vida ficticia em que tantos e tantas se pervertem, irritava-me por tal forma que foi com prazer que voltei a êste cantinho. Amo esta quietude, a simplicidade rustica dos humildes, compreendo o gorgeio das aves, aprecio o sussurro das fontes, a sinfonia do vento e até o som dos guisos completam a orquestra que me dá vida e alegria.

—Tem graça! Como cada alma tem o seu segredo, como os sentimentos divergem e como os gostos variam. Já agora gostava de a ouvir dissertar sobre o amor.

—Oh! o amor é um sujeito que me não é familiar. Conheço-o apenas por tradição; nunca me foi apresentado. Sabe que mais? Vivo alheada de histórias sentimentais e por isso não posso dar-lhe informações seguras.

Henrique e Susana, já relacionados, passaram a avistar-se frequentemente, falando sobre os mais palpitantes assuntos para matarem o tempo.

Ao lusco-fusco atravessam o «Monte» ranchos numerosos de mulheres que regressam da «monda», com o chaile atado á cinta e de lenço amarrado na cabeça, coberta por um grosso chapeu de feltro. Junto ao alpendre uma criança chora pela mãe, tolhida de frio e de fome, enquanto duas velhotas cozem o pão e se aquecem ao calor rubro do fôrno. Uma delas põe-se a cochichar com a outra e diz-lhe:

—Espreite lá vocemecê á porta, que eu tiro o morrão da candeia.

—Lá estão êles de má catadura. Inda bem não há a su zanga. Ora um, ora outro aparece enxofrado. Aquilo é certo e sabido: dia em que êle vai a alguma fêra ela fica derramada e êle dá por paus e por pedras quando a vê á conversa com um amigo do pai que anda metido em negocio de gado lá pr'ás bandas de Espanha. Eu cá por mim nan dou nada pela caçada. O que êle quere é distrair-se.

—Olha o milagre. Então não querem lá vêr, só porque andou nos estudos já lhe apetece ser lavradora! Por isso é que ela anda sempre a pintar a cara. Mais valia que fôsse caiar a chaminé.

Henrique sentia-se deprimido e, votado cada vez mais aos sonhos doentios que a solidão produz, cogitava na maneira de resolver a sua questão intima, reagindo contra a sua timidez.

Depois de dar tratos á imaginação ocorreu-lhe a ideia de falar ao abegão para ir com êle vender os borregos á feira de Vila Viçosa, levando Susana na sua companhia. O pai, um tanto surpreendido, não teve outro remédio senão transmitir á filha o desejo do patrão, que esta não satisfez, fingindo-se doente.

Semelhante insucesso ainda mais o ennervou e logo que chegou da feira, como represália, decidiu partir para Lisboa sem dizer água-vai. Esta inesperada viagem foi para ela a demonstração evidente do interêsse que lhe merecia, esperando com calma o seu regresso e resolvida a defrontar a sua furia.

O afastamento durou quinze dias e por fim Henrique voltou á herdade mas, em vez de agastado como ela esperava, apareceu radiante, contente e, dando a impressão que a recusa de Susana o não tinha perturbado e que a sua estada em Lisboa fôra motivada por outros amores. E monologava para si:

—Por esta é que tu não esperavas...

—No entanto Susana percebera o truque do seu artificioso engenho e continuou a esgrimir com as suas evasivas.

* * *

Eu sei que a amo, murmurou êle, porém não lho disse ainda claramente por me parecer que essas palavras seriam ridiculas, mas esta noite não resisto ao impulso de lhe confessar o que sinto. Enraivecido de amor, de angustia e de ciume, procurou a ocasião de lhe desfechar á queima-roupa a sua proposta de casamento.

Heirique esperou, aterrado, a resposta, perdido no misterio que envolvia aquela alma incompreensivel.

O sim não o pronunciaram os seus lábios, mas êle adivinhou-o no fulgôr que emanava o seu olhar malicioso.

CRÍTICA LITERÁRIA

FOGO NO MAR, por JOÃO FALCATO
DEIXEM-ME VIVER, por BESSONE BELFORD

I—O «documento humano» na literatura portuguesa

A literatura portuguesa é talvez das literaturas menos ricas naquilo a que hoje se dá o nome de «documentos humanos». E' possivel que isso tenha uma explicação. Do ponto de vista psicologico propriamente dito talvez não seja dificil encontrá-la. O «documento humano» «pressupõe a existência de um fundo pessoal capaz, só por si, de se afirmar como centro de interêsses literários. Inteiramente alheio á atitude que a literatura requere, o homem que se acha apto a tornar-se centro de experiências humanas susceptiveis de um interêsse paralelo ao da verdadeira literatura apenas pode contar consigo mesmo: é de si mesmo, dos seus humores, das suas esperanças, das suas preocupações, das suas lutas, dos seus ideais que êle arrancará a materia com que se compõem as obras sôbre que os leitores se debruçarão interessados. Isto não é facil entre nós, país onde os homens se têm mostrado pouco significativamente humanos. Mas outro ponto de vista se pode ter ainda em conta. O «documento humano» baseia-se, em grande parte, numa experiência intensa. Regra geral, a ideia de «documento humano» confunde-se com a de vida profunda e aventurosa. Alguma razão há para que assim seja. Não vale a pena, de facto, «documentar» casos triviais da existência. E' nos grandes momentos que se colhem as mais fundas e variadas experiências: o «documento humano» é a expressão moderna da lenda heroica antiga.

Que factos, que dramas, que conflitos se dão, em geral, entre nós, susceptiveis de aquecer ao rubro uma obra de confidências viris como o «documento humano» tem de ser? E' durante os periodos mais agitados na vida de qualquer nação que o «documento humano» encontra maior numero de cultores. A guerra de 1914 deu ocasião a que um Barbusse ou um Remarque escrevessem romances que mais não são que verdadeiros documentos humanos. São inumeros os depoimentos pessoais que nos ficaram da época convulsa das nossas Guerras Liberais. Quere isto dizer que a pobreza nacional em obras dêste genero se deve ao mesmo tempo á escassa intimidade em que o homem vive consigo mesmo e á ausencia quasi total de história dramática. *À quelque chose malheur est bon,* dizem os franceses. E com toda a razão, pois, de facto, a felicidade não tem história, toda a gente o sabe...

Não são emocionantes os documentos que nos legaram os comparsas do cêrco do Pôrto ou da emigração a que muitos dêles se viram sujeitos. A preocupação histórica e partidária dominava-os. Quási todos se empenharam em testemunhar factos colectivos. Já o mesmo não sucede nêsse outro periodo dramático da nossa existência nacional. Refiro-me ás trágicas condições em que se realizou durante séculos a viagem entre o nosso continente e os remotos territorios ultramarinos. A *História Trágico-Maritima* é a mais emocionante colecção de «documentos humanos» com que contam as nossas letras. Nêsse periodo, sim, bastava que um homem fôsse á India para ter diante de si uma perspectiva dramática incomparável. Os naufragios, as sêdes, a fome, a revolta—tudo isso deu para encher algumas das páginas mais «fortes» da nossa literatura documental.

Infelizmente, foi de curta duração a veia que nos deu o sangue rico e borbulhante da *História Trágico-Maritima.* Dir-se-á que os portugueses amoleceram. Lentamente, foram trocando as duras emoções pelas emoliências dos crepusculos literários. Não mais experiências trágicas fizeram vibrar de comoção a alma dos portugueses. Todos aquêles que passaram inclemências pelas inóspitas terras de além-mar levaram consigo o segrêdo da sinceridade que puseram na narração dêsses feitos ainda hoje verdadeiras obras-primas.

Se é certo não mais nos terem sobressaltado impressionantes flagelos, tambem é verdade que os portugueses parecem esquecidos de como se dá têmpera literária ás fundas experiências humanas. A retórica classicizante primeiro, depois um romantismo á base de pieguices sentimentais e, finalmente, um realismo fundamente eivado de preconceitos cientificos e objectivos, quando não de desbordamentos caricaturais, acabaram por estancar as fontes espontaneas da emoção e da observação, faculdades primárias de qualquer bom «documentista», deixem-me chamar-lhe assim.

II—Nova «História Trágico-Maritima»

Este João Falcato, estudante que resolveu embarcar a bordo de um cargueiro para conhecer as horas aventurosas do viver maritimo, é um caso realmente excepcional na história das nossas letras contemporaneas. Com efeito, João Falcato, 2.º piloto do «Melo», não embarcou para a Argentina como um profissional qualquer. No seu propósito havia uma intenção «literária». E' claro que a tragédia a que iria assistir estava fora do seu programa. Ao tomar lugar em Lisboa a bordo dêsse navio que se dirigia a Buenos Aires com o intuito de trazer para Lisboa um carregamento de adubos, João Falcato não supunha ir ser comparsa de uma tão espantosa tragédia maritima. As circunstancias em que na realidade se irá realizar a sua viagem de regresso permitem-nos compará-la com alguns dos mais emocionantes episódios da nossa *História Trágico-Maritima.*

Teria João Falcato começado a apontar as impressões da sua viagem mal largou de Lisboa, ou, pelo contrário, só disso se teria lembrado quando pôs de novo pés em terra firme? E' muito possivel que a segunda hipótese seja a mais verosimil. Na verdade, o seu livro *Fogo no Mar* («Novos Prosadores», Coimbra Editora) tem todas as caracteristicas de uma obra vivida a que uma intenção posterior deu foros de literária. João Falcato frequentou a Universidade, leu muito, tem os seus conhecimentos filosoficos razoavelmente ordenados. Tudo isto o preparam não só para ser portador de uma mensagem de um professor da Universidade de Coimbra para um grande mestre universitário argentino, mas tambem lhe dá a veleidade de escrever algumas páginas sobre ensino e a civilização dêsse longinquo país. Como qualquer viajante ilustrado, acompanha escrupulosamente os seus passos através da Argentina com cultos comentários á vida, á cultura e á sociedade dêsse país. Neste ponto, o livro de João Falcato é um roteiro de viagem trivial. Nada o distingue de tantos outros. Acontece, porém, que na viagem de regresso, quando o «Melo» navegava por alturas de Fernando de Noronha, no cálido silencio de uma noite equatorial, se ouve a bordo uma espantosa explosão. Em poucos minutos, o navio é um braseiro ardente. Eis chegado o momento de João Falcato converter o seu livro de viagem num dêsses «documentos humanos» como só outrora era possivel encontrar nas nossas letras. Efectivamente, João Falcato põe-se a descrever minuciosamente tudo quanto se passa a bordo. Não era preciso grande talento de escritor para empolgar o leitor na descrição do que se passa naquele barco transformado subitamente numa grelha torrida. Sem govêrno, com as caldeiras a todo o vapor, o «Melo» largando na noite tenebrosa o penacho das suas labaredas, era, só por si, um espectáculo tão extraordinário que a mais pobre das penas vibraria descrevendo-o.

João Falcato, que tudo viu, tudo observou, tudo sofreu, e foi dos poucos tripulantes que se salvaram, teve, de facto, oportunidade de pintar um quadro literário de uma grandeza que só tem par em algumas das narrações da *História Trágico-Maritima.* E' certo faltar-lhe a sobriedade de algumas dessas narrações. Há nela um fundozinho «literário» que prejudica de certo modo a sua gravidade espontanea. Mas, ainda assim, o leitor é dominado. O espectáculo é tal que a própria prosa do *escritor* se apaga perante o prestigio das cenas que descreve. Aquêles homens que ardem como bonecos de trapo, deixando os pedaços da carne dos seus membros colados ás escadas de bordo, ficam diante dos nossos olhos como uma alucinação espantada. Toda a afectação literária que antes dominava o estilo de João Falcato desaparece. Sóbriamente, ei-lo descrevendo os derradeiros momentos daquele nucleo de homens que se recolhem a uma baleeira para morrer. E' certo que a prosa não é pessoal nem elegante. Para quê? Não é preciso. A prosa de João Falcato é a «realidade» que alastra pelas páginas do seu livro. Sem elegancia de dicção, nem cuidados estilisticos, arrebata o leitor, comunicando-lhe uma sensação de vida que raros romances portugueses alcançam. A fôrça do tema, a violência do drama, a brutalidade da situação não permitem que nos demos conta da pobreza do estilo.

Fogo no Mar é um documento preciosissimo. Perante êle, sentimos que talvez nos faça mais falta uma experiência rica, embora dolorosa, da vida, que a posse de uma técnica segura e de um estilo pessoal. *Fogo no Mar,* com todos os seus defeitos de composição, todas as suas insignificancias de estilo e todas as suas vulgaridades de locução, é uma obra que se lê dum fôlego. Reportagem de um momento excepcional, êste «documento humano» fala por si. *Fogo no Mar* dir-se-á um episódio póstumo da *História Trágico-Maritima.*

III—Um romance por escrever

O contraste entre uma obra como esta a que acabamos de nos referir e um romance como *Deixem-me viver!...,* de Bessone Belford, *(Vida Mundial Editora),* é flagrante. Na primeira, a fôrça do caso vivido domina as deficiências da composição literária; no segundo, não obstante as boas intenções literárias do autor, a insignificancia do conflito inutiliza os esforços do autor para fazer dêle um romance suportável. São dignos de consideração a persistência e o zêlo com que Bessone Belford se consagra á tarefa de romancista. Não nos é fácil dizer se isto exprime algo de profundo na manifestação incipiente de uma vocação incontestável ainda em estado latente. E' possível que sim. Também é possível que não. A «moda» do romance generalizou-se, e há hoje muitos jovens que se consagram a compôr o seu conflitozinho romanesco com a mesma puerilidade com que outrora contavam pelos dedos as sílabas de soneto de amor. A verdade, porém, é que Bessone Belford, moço ainda, já escreveu dois romances, e, não obstante a severidade com que eu aqui mesmo castiguei a sua estreia, simplesmente, sem desforços pessoais, não duvidou mandar-nos a sua segunda tentativa no género. Isto alguma coisa significa, no meio da prosápia arrogante com que é costume certos literatelhos de ocasião encararem a crítica que atentamente solicitam...

Deixem-me Viver!... pretende, puerilmente, ser um romance de geração. O problema em que se debatem em Portugal os moços que procuram tornar-se independentes transparece, realmente, no caso do protagonista do romance de Bessone Belford. Quão longe fica, porém, tal problema de uma exposição dramática e convincente na forma como o romancista de *Deixem-me viver!...* o apresenta! Aliás, podia a tese não ter sido devidamente desenvolvida e haver no romance outros predicados que o impusessem como obra de imaginação. Infelizmente, assim não é. Bessone Belford, que pretendeu mostrar a formação psicológica e moral do seu António Carlos através de uma espécie de diário, sacrificou as notas vivas e profundas a uma espécie de notação taquigráfica dos episódios mais superficialmente significativos da vida de um rapaz. Um dos maiores defeitos dêste romance—dêste e de muitos outros que hoje se escrevem—é *não estar escrito de facto.* Como esquema de intriga a desenvolver num romance morosamente meditado e cuidadosamente escrito era possível encarar com benevolência *Deixem-me viver!...* Mas Bessone Belford apresenta-nos o seu «esbôço», o seu «apontamento», o seu «esquema», como um romance elaborado. Eis o seu êrro. Não devemos esquecer que o romance é uma obra de arte, e a obra de arte, quando não consegue realizar-se graças a uma fôrça impetuosa da vida que vem do próprio artista, da sua elaboração se alimenta. O estilo, a composição, a observação, a análise dos caracteres—tudo isso que constitue a «estética» do romance tem de ser respeitado e cultivado com amor e talento. Num livro como *Fôgo no mar,* de João Falcato, tôdas estas coisas se dispensam: estamos em face de uma reportagem. O caso real domina a sua elaboração estética. Não assim num romance como *Deixem-me viver!...* Aqui há necessidade de arrancar do tema, num caso imaginado sem prestígio humano nem potência intelectual, as virtualidades que a arte sabe extraír da imaginação quando é um artista quem a utiliza. Bessone Belford confiou demais no seu tema: supôs que êle bastaria para empolgar o leitor. Erro nefasto. O seu tema, banalissimo em si, deixa o leitor completamente indiferente. Desamparado por êle, só no estilo, na composição e nos outros predicados caracteristicos de uma obra de arte como romance êle se poderia apoiar. Mas tais predicados não estão no romance de Bessone Belford. E' preciso que êste jovem romancista arrepie caminho. Experimente *escrever* um romance. E' possível que então se revele romancista. Por ora, caminha ás cegas, tacteando.

JOÃO GASPAR SIMÕES

---

3 *Eça de Queiroz,* visto por quem o conheceu. Prefacio e coordenação de Castelo Branco Chaves. Este lucido critico reuniu, criteriosamente, varios depoimentos de contemporaneos do grande romancista, reconstituindo os vários aspectos psicologicos da figura. Edição de Testemunho Especial.

4 Outro livro queiroziano: *A Mascara de Eça,* de Vieira de Almeida. A obra estava marcada no fisico do autor? De facto, o perfil agudo, cortante de Eça, como que afirma uma tendencia nata para a observação e a ironia. Edições Romero.

5 *Miranda do Douro,* uma excelente monografia, artisticamente apresentada, da caracteristica terra nortenha, de nobres pergaminhos historicos e famosa pelo dialeto. Edição do S. P. N.

NOVIDADE LITERÁRIA

"SOLTEIRA E SÓ"

Um romance de JOAQUIM MOTA JUNIOR.

Elegia da vida moderna

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

É uma Edição «ENCICLOPEDIA»

Edições PRO DOMO

Amanhã é pôsto à venda:

O ESCÂNDALO DO ESPÍRITO

PREÇO: 8$00 *de ANTERO DE FIGUEIREDO*

No sábado é distribuído

O 1.º FASCICULO DA OBRA:

O CARDEAL CEREJEIRA

por MOREIRA DAS NEVES

Pedidos à EMPRESA EDITORA PRO DOMO, Ld.ª

RUA DA ATALAIA, 18, 1.º ESQ. — LISBOA

ACABA DE APARECER O 1.º VOLUME DO LIVRO TÃO ANSIOSAMENTE ESPERADO:

«CINQUANTE ANS DE SOUVENIRS»

Pelo Barão Henri de Rothchild (André Pascal)
com prefácio do Dr. Augusto de Castro

CAPITULOS: I—Son Altesse Sérénissime le Prince Albert I.er de Monaco II—S. M. Dom Carlos Roi de Portugal; III—S. M. Guillaume II, Empereur d'Allemagne; IV—Alphonse XIII Roi d'Elspagne; V—S. M. Cristian X, Roi de Danemark; VI—S. M. Hailé Selassié I.er, Empereur d'Éthiopie; VII—Un grand journaliste: Arthur Meyer; VIII—Georges de Porto-Riche; IX—André Citroën; X—Édouard Rahir; XI—Pierre Wolff; XII—Deux antiquaires du temps jadis: Jacques et Arnold Séligman; XIII—Nelly Melba; XIV—Sarah Bernhardt; XV—Raoul Gunzbourg

Preço do 1.º volume, formato 26X15, com 300 págs., Esc. 50$00

á venda nas livrarias — Envia-se á cobrança

Depositária: LIVRARIA TAVARES MARTINS — Clérigos, 12 — PORTO

ECOS

No jornal «La Croix» lê-se o seguinte:

—O que mais nos impressiona, nos discursos do general De Gaulle, é a altura das suas vistas—altura que nos permite ver longe.

De Gaulle não cultiva a eloquência e em os efeitos da palavra que arrebata as multidões. Serenamente, discorrendo com clareza e elevação, defende a França, colocando-a no seu verdadeiro papel de grande potencia com direitos iguais, inalienaveis, aos dos que lutaram contra a Alemanha. Firme, coerente, imperturbavel, não deixa escapar uma oportunidade que não a aproveite logo para sustentar a sua doutrina:

—«França indestrutivel no seu territorio e eterna na sua gloria».

A pouco e pouco, sem um desfalecimento, vai reduzindo obstáculos e oposições, destruindo prevenções, de modo que complete como politico a sua obra de militar que, numa hora de alta clarividência, percebeu que o colapso da França era simplesmente uma vaga sonolencia, uma breve queda no erro e nos enganos dos homens.

■

Churchill prestou ontem homenagem ao rei e á rainha da Inglaterra que, durante a guerra, cumpriram modelarmente o seu dever, tornando-se a voz, a consciencia e a sintese do Imperio.

Os ingleses vêem na monarquia uma dignidade e um penhor de segurança e grandeza.

A liberdade, entre eles, está em toda a parte e é ela que cinje na mesma concordia o povo e a corôa. Não se hostilizam, mas fortalecem-se ambos com o amor da patria.

Pode o rei desconfiar do povo?

Impossivel, visto que o rei não se afasta do seu papel de reinante, sendo depositario fiel da vontade do povo. E' por isto que a Inglaterra é uma democracia e ainda não reconheceu a necessidade de proclamar a Republica.

■

Lisboa não é só dos lisboetas, mas do país. O sangue das nossas provincias palpita nela como renovador e sustentador do seu primado e do seu orgulho. Não é o facto exclusivo de se ter nascido em Lisboa que faz o lisboeta, mas sobretudo a satisfação, o amor e o desejo de a ver progredir, modernizando-se.

Um grande escritor, um artista, um mestre, um homem de iniciativa e acção, qualquer que seja o ramo da sua actividade, estão dentro de Lisboa como um orgão na sua função.

Haverá quem os acuse de ignorantes, na compreensão do que valem as pedras e monumentos da nossa capital?

Parece-nos que não, desde que lhe votem carinho e se esforcem, não para desfigurá-la, mas por embelezá-la. Muito importa, pois, que Lisboa, imagem e simbolo de Portugal, não seja simplesmente para os arqueologos, visto que pertence a todos que, pelo trabalho, pelo pensamento e pelo gesto de criar e engrandecer, a transformem, não para lhe imprimirem o caracter de «cidade tentacular», antes com o instinto de a fazerem franco lar hospitaleiro.

■

Está convocada para o dia 18 de maio, pelas 18 horas, a assembleia extraordinária da Sociedade de Geografia, a-fim de conferir o titulo e cargo de secretario perpetuo ao secretario geral da Sociedade.

EXÉRCITO E MARINHA

Comando do aviso «João de Lisboa»

Com o cerimonial da praxe, assumiu hoje o comando do aviso de 2.ª classe «João de Lisboa», surto no Tejo, o sr. capitão de fragata Camacho de Freitas, funções que lhe foram entregues pelo oficial da mesma patente sr. Celestino da Silva. Os dois oficiais fizeram, depois, a sua visita de cumprimentos ao sr. ministro da Marinha e apresentaram-se aos almirantes e ao comodoro da Fôrça Naval da Metropole.

A Simpatia É O Iman Da Vida

Seja simpático. Oferêça prendas da

Grande Ourivesaria da Moda

257, Rua da Prata (Esq. de Santa Justa).

O empate do Belenenses

com o Real Madrid

e a afirmação do futebol português

MADRID, 16. (Pelo telefone)—Os portugueses já podem jogar futebol em Espanha sem o risco de amesquinharem a nossa bandeira, ou o ridiculo de receberem apenas louvores de cortezia pelo «seu jogo feito». Este encontro de Chamartin constituiu disso prova clarissima. Foi transparente a boa qualidade do futebol produzido nesta tarde de Santo Izidro na luta entre o Real Madrid, 2.º classificado no campeonato,—e cuja categoria corre parelhas com o Barcelona—e o Beleneses, grupo de primeira linha portuguesa, mas que por circunstancias várias não possue titulo de campeão.

O clube de Belem não foi inferior ao Real Madrid. E atrevo-me a pensar que no conjunto foi talvez superior.

No primeiro tempo—o quarto de hora inicial deu os portugueses ao ataque mas sem dominio; no segundo quarto de hora foram os madrilenos que tomaram franca ofensiva, e foi este o melhor periodo de jogo; no final estabeleceu-se equilibrio.

No segundo tempo tudo mudou, como nas magicas. As vantagens foram todas do lado

Uma reviravolta

dos visitantes, com superioridade de jogo quer em dominio, quer, independentemente dele, em orientação e em consciencia de conjunto.

E porquê esta reviravolta?

E' que no primeiro tempo, a despeito do equilibrio tecnico e territorial, a que dois *goals* sofridos não correspondiam com justiça, houve uma certa entrega ao destino, que não desanimo.

Capela, o guarda-redes de Belem, pela sua inexperiencia foi batido em má saida, aos 23 minutos, não interceptando uma bola alta, e dando assim aso a uma passagem de Barrinaga, avançado centro, para Vidal, e que este pôde rematar, dada a falta do guarda-redes português. Capela encheu-se de nervos e de uma especie de timidez ou de desorientação, e esse estado de espirito explica o lance que se seguiu, a cinco minutos, e que deu novo *goal:* Borbolla, interior esquerdo, rematou com fôrça, Capela apanhou mas não segurou a bola que saltou á trave, para reentrar no terreno, onde Alsua, com Capela descontrolado, a captou e enfiou. Devido a estes precalços, e á timidez de Armando, avançado centro de fraco jogo, quasi inexistente na linha—os 2-0 estão explicados.

Dois «goals» de boa marca

No segundo tempo o Belenenses entrou em campo num outro estado de espirito, retemperado já moralmente, o guarda-rêdes, e feita uma substituição que inteiramente se justificou: Armando saiu, e para avançado centro passou Quaresma, que servia na meia direita, entrando para este lugar Eloi. O *team*, que estava inferiorizado no «score» imerecido—rejuvenesceu. Então deu gosto ver o nosso futebol. A par do jogo-filigrana que o Belenenses usa quando está em jeito, desnorteante pela sabia preparação e por vezes imprevistos de habilidade—houve eficiencia, concretizada em dois «*goals* de Mario Coelho, extremo direito, fulminantes, o primeiro aos 11 minutos da passagem de Eloi, o segundo aos 41 minutos, recolhendo com visão uma perpendicular de Quaresma.

Durante o segundo tempo, mercê da reviravolta, os lisboetas foram mais *team* que os madrilenos, perdendo mesmo algumas oportunidades, o que, aliás, também sucedeu ao Real Madrid, que acabou com um homem a menos na linha.

Podiamos, pelo que fica dito, ter ganho; mas, independentemente do rezultado, o jogo lisboeta convenceu. E' certo que não se tratava para o Real Madrid de um jogo de competição, «em furia»; mas é preciso não esquecer que quatro jogadores portugueses internacionais em campo, não permitiam aos nossos grandes atrevimentos, sempre contingentes.

O processo e os jogadores

As características em Charmartin foram as mesmas assinaladas no Estádio de Riazor, na Corunha: os espanhois fantásticos no jôgo por alto, na rapidez do lance e no desembaraço dos remates; os portugueses brilhando no plano geral do jôgo, na concepção do lance, e no desenho fino das jogadas, superiorizando-se com a bola rasteira. Os madrilenos procuravam jôgo rectilíneo em profundidade; os portugueses utilizaram passes de bom *association*, fazendo jôgo agradável, mas talvez menos rápidos pela preocupação de jogar em a bola. E jogaram a honrar-se.

Quero dar um pequeno resumo da actuação dos valorosos rapazes de Belem. Capela, apesar dos nervos e de alguns erros, esteve bem, na segunda parte, sobretudo; foi um baptismo internacional. Vasco, defesa direita sempre acertado, mas Feliciano superior; a congregação entre os dois defesas não foi perfeita.

Na linha media Amaro e Serafim, distinguiram-se, e por vezes a grande altura, e Gomes satisfez. Rafael, a extremo esquerdo, cumpriu discretamente; José Pedro e Eloi, este só no 2.º tempo, foram dois artistas da bola; Armando já dissemos, deu fraco rendimento, apagando-se. Mario Coelho distinguiu-se, rematando como se deve fazer—«por naturais», como se dirá em tauromaquia—e marcou os dois «goals». Quaresma foi o melhor avançado, o melhor português e o melhor dos 22 em campo. Está em grande forma.

Dos madrilenos distinguiram-se o guarda-rêdes Bañon, ao qual se deve talvez a conta não passar do empate, o medio centro internacional Epina, e o extremo esquerdo Vidal. Não jogou o famoso Herrerita, de Oviedo, por doença.

Ramon Melcon fez uma arbitragem seria e ponderada

O desafio, que começou ás 19 horas, terminou, debaixo de chuva, já começava a escurecer. O vento prejudicou por vezes o jogo a ambas as «equipes». Publico correcto.

TAVARES DA SILVA

EM 3 LINHAS

O sr. eng. José Frederico Ulrich, subsecretario das Obras Publicas, parte no dia 22, pelo «Clipper», para os Açores, onde vai numa visita oficial.

///

O Conselho de ministros deliberou autorizar o ministro das Colónias a tomar as providências de caracter legislativo e executivo que entender necessárias em relação a colónia diferente daquela em que se encontrar, no decorrer da sua próxima viagem ás colónias de Africa.

///

A Empresa Editora «Pro Domo», cujo capital era de 10 contos, reforçou-o com mais 30, cota do sr. dr. Afonso Lucas.

///

Um concurso para professor tecnico da Escola Agricola da Paiã, destinado a engenheiros agronomos ou silvicultores, ficou deserto, e vai agora repetir-se.

///

Foi muito bem recebida a sugestão ontem feita pelo dr. Manuel Ribeiro Ferreira para que a nova linha de caminho de ferro Santarem-Rio Maior seja prolongada ás Caldas e a Peniche.

///

Na significativa manifestação de ontem ao professor dr. Moses Amzalak, a nota impressionante foi dada pelos seus antigos alunos, muitos dos quais já são hoje professores.

///

O nosso colaborador e distinto técnico e critico desportivo sr. António Ribeiro dos Reis foi promovido, na «Ordem do Exército», distribuida hoje, ao posto de major.

Nasceu na Suiça

um filho de D. Duarte Nuno

Por noticias recebidas hoje, em Lisboa, sabe-se que nasceu ontem, em Luten, na Suíça, onde se encontram seus pais, o sr. D. Duarte Nuno e D. Maria Francisca de Orleans e Bragança, uma criança do sexo masculino.

O novo principe, que—segundo nos informam, goza de esplendida saude—virá a chamar-se Duarte. Seus pais casaram em 15 de outubro de 1942, em Petropolis, no Brasil, e chegaram a Lisboa no dia 30, a bordo de um «Clipper», de passagem para Espanha, para onde seguiram no dia 1 de novembro, de automóvel. Só mais tarde se dirigiram á Suíça.

O recem-nascido é neto, por linha paterna, de D. Miguel II e, por consequência, bisneto de D. Miguel I, que foi rei de Portugal, e trineto de D. João VI. Por linha materna é neto do principe D. Pedro de Alcantara de Orleans e Bragança e de D. Isabel Adelaide, condessa de Dobrzensky, princesa imperial do Brasil, bisneto de Luiz Filipe, principe de Orleans e conde de Eu, e de D. Isabel de Bragança, trineto de D. Pedro II do Brasil, quarto neto de D. Pedro IV, de Portugal, e quinto neto de D. João VI.

As crianças que nasceram nas maternidades de Lisboa no mesmo dia que o principe, filho de D. Duarte Nuno, são contempladas—conforme ontem dissemos por informação—com 50$00 e uma lembrança de um chale branco de lã.

MÓVEIS-ESTOFOS

Bons modelos
Bons estofos
Grande Variedade
Preços de fabricante

R. DO MUNDO, 111-113

A Assembleia

Nacional

e as manifestações

do próximo sábado

(Continuação da 1.ª pag)

defesa dos superiores interesses do País. E trata-se, também, de reafirmar, perante o Mundo, a integra certeza da unidade nacional—que permitiu aos nossos governantes proceder com tanta segurança e tão clara autoridade moral durante a guerra na Europa e lhes permitirá, no futuro, através de quaisquer vicissitudes e contingencias, prosseguir, na honra e na dignidade, a mesma politica de inquebrantável defesa e prestigio de Portugal!».

O dia próximo de sábado, 19, foi o escolhido para a manifestação.

A's 11 e 30 em Belem será prestada homenagem ao sr. Presidente da Republica, na qual tomarão parte delegações de todos os distritos do país, que se deslocarão a Lisboa com elevado numero de componentes.

A's 19 horas, na Praça do Comércio, a homenagem desloca-se para o sr. dr. Oliveira Salazar, a cuja obra na Presidência do Conselho e na direcção da pasta dos Negócios Estrangeiros a Nação quere mostrar a sua gratidão. Será lida pelo sr. Francisco de Melo Machado, presidente da Associação Central de Agricultura, uma expressiva mensagem, á qual não deixará de responder o sr. Presidente do Conselho.

Na Assembleia Nacional

Antes da ordem do dia da Assembleia Nacional constituida por uma sessão de estudo da proposta de lei de coordenação dos transportes terrestres o deputado sr. dr. Acácio Mendes de Magalhães Ramalho referiu-se á anunciada manifestação aos chefes responsaveis pelos destinos do país, recordando as palavras recentes do sr. dr. Oliveira Salazar acêrca da vitória das Nações Unidas e rendendo homenagem á nossa velha aliada aos Estados Unidos e ao Brasil.

Fazendo votos pela eficácia da organização da paz, o orador disse que nesta hora bem merece tôdas as homenagens quem, como hábil timoneiro prudente e enérgico, soube conduzir a nação a pôrto de salvamento, através dum mar revolto, cheio de escolhos internacionais.

Vai o país pagar uma dívida de gratidão, concluiu o sr. dr. Magalhães Ramalho, que afirmou interpretar os sentimentos da Assembleia Nacional, na homenagem a Carmona e Salazar.

A's palavras do orador associaram-se os deputados srs. Linhares de Lima e Albino dos Reis.

O TEMPO QUE FAZ

Tempo provavel amanhã, em Portugal, segundo a previsão do Serviço Meteorológico do Exército:

Vento dos quadrantes de W moderado. Nevoeiro sobre o litoral ocidental acompanhado mais tarde de chuvisco junto á costa das regiões Norte e Centro. Subida de temperatura.

Temperaturas extremas em Lisboa hoje, até ás 16 horas, segundo o registo do Observatório Infante D. Luiz: *maxima, 20°,8; minima, 14°,0.* No mesmo dia do ano passado: *maxima, 24°,3; minima, 13°,1.*

Se passar por Samora Correia
VISITE A PENSÃO NAZARENO

UM LIVRO QUE TODOS

PELO GRANDE ESCRITOR AMERICA

JONH ST

O MILAGRE DE

E' A PRIMEIRA OBRA QUE DA EM PORTU

E' UM LIVRO SENSACIONAL QUE SE

1 VOLUME COM 376

Edição da **LIVRARIA PACHEC**
Pedidos á **EDITORIAL ORGANIZAÇ**

A questão de Trieste vista pelos jugoslávios

ROMA, 16.—(Do correspondente especial da Reuter, Hubert Harrison).—O ponto de vista jugoslavo sôbre a ocupação de Trieste pelo marechal Tito é que, uma vez que o 4.º Exercito jugoslavo conseguiu, por um esfôrço sobrehumano e por uma estrategia brilhante, libertar os territorios a leste do Isonso e Trieste (menos duas bolsas em que os alemães se renderam depois aos neo-zelandeses), tinha todo o direito de ocupar os territorios que libertaram.

Esse direito jugoslavo é fortalecido ainda pelo facto de a população nos territorios a leste do Isonzo ser predominantemente eslava e de pertencerem á Jugoslávia em 1918, segundo a linha Wilson, baseada na distribuição étnica da população, linha que foi aceite como fronteira italo-jugoslava. A libertação dêsses territorios foi uma expressão dos fins da guerra da luta contra italianos e alemães por parte da Jugoslávia, declara-se.

Quanto ao acôrdo final da fronteira jugoslava, diz-se que os jugoslavos estão perfeitamente preparados para discutir a questão na Conferência da Paz, mas não desejam, entretanto, que a população da Istria fique por mais tempo sujeita ao dominio dos italianos, que a trataram tão mal durante os periodos de guerra e entre êles. Os jugoslavos acrescentam ainda que o avanço continuo das fôrças anglo-americanas, depois de terem estabelecidó contacto com o exercito jugoslavo, em Monfalcone, foi uma invasão desnecessaria do seu territorio e essa presença das tropas anglo-americanas significa um descredito para com um aliado, cujos feitos nos ultimos 3 anos e meio foram do maior valor.—(R.).

As ultimas operações na Jugoslávia

LONDRES, 16.—A emissora jugoslava difundiu hoje um comunicado do Q. G. do marechal Tito a anunciar que as tropas jugoslavas liquidaram as ultimas fôrças inimigas que ofereciam resistência organizada na região do curso superior do Drava e fizeram 20.000 prisioneiros «ustachis» e «chetniks», incluindo alguns conhecidos criminosos de guerra. O ultimo exército alemão dos Balcans, sob o comando do marechal Lochr, rendeu-se. Fizeram-se 10.000 prisioneiros. Foram mortos 5.000 oficiais e soldados alemães, tendo sido libertados 8.000 civis. Em outras regiões do país foram feitos mais 15.000 prisioneiros alemães e «ustachis».—(R.).

CAIRAM TRÊS HOMENS
de um 5.º andar

Esta tarde quando os pedreiros Carlos Luiz Marujo, de 23 anos, travessa Marquês Sá da Bandeira, 9-2.º, João Rodrigues, rua Sá da Bandeira, 105, rés-do-chão, e Manuel Pereira, rua Gervasio Lobato, 28, trabalhavam no quinto andar dum prédio da rua Rodrigo da Fonseca, a prancha onde se encontravam despregou-se e os pobres homens vieram estatelar-se no solo. O primeiro e terceiro ficaram muito feridos na cabeça e o segundo sofreu fractura da coluna. Devido á gravidade do seu estado, ficaram internados no Banco do hospital de S. José.

VÃO LER!

NO

EINBECK

S. FRANCISCO

QUELE ESCRITOR SE TRADUZ
GAL
ESGOTARA' EM POUCAS SEMANAS

PAGINAS — 20$00

RUA DA MISERICORDIA, 79
L. Trindade Coelho, 9, 2.º—Lisboa

Os prisioneiros de Dachau vão ser repatriados depois de um período de quarentena

(Continuação da 1.ª pag.)

Uma organização secreta, o Comité Internacional, sabotou a partida dos restantes, fazendo estalar uma insurreição no campo e impediu assim que os prisioneiros que ficaram tivessem a mesma sorte daquêles que foram transferidos. Três perderam a vida nesta aventura, mas salvaram as dos seus companheiros de infortunio. Uma transferência de campo era a morte para muitos dêles, que não tinham fôrças para empreender a viagem e muito menos nas circunstancias horríveis em que o faziam. Empilhavam-nos em vagões sem ar e sem luz. Não lhes davam de comer nem de beber durante dias e dias. Eram poucos aquêles que resistiam. Quando a jornada era feita a pé, a maior parte dêles ficava também pelo caminho, dizimada pela fome e pelo cansaço ou abatida pelos guardas, como cães.

Estamos a reproduzir depoimentos recolhidos directamente de prisioneiros que tomaram parte nessas levas de escravos: médicos, advogados, sacerdotes ou jornalistas, portanto, pessoas cultas que não deturpam os factos por ignorancia, por exagêro ou por maldade.

A actividade secreta dos prisioneiros

Isolados do Mundo, os prisioneiros de Dachau não deixavam, no entanto, de saber as notícias, de acompanhar a marcha da guerra. O «Comité» Internacional, do qual faziam parte guardas, empregados da administração, membros da «Volkssturm» e prisioneiros, estavam ao corrente de tudo quanto se passava. As notícias eram recolhidas em aparelhos de rádio secretos e circulavam no campo com uma rapidez fantástica. Tudo isto se fazia com perigo da própria vida. Mas de que servia a vida naquêle «in pace» de dôr e de miséria, naquêle inferno de desespêro e de sofrimento?

Os exércitos aliados avancavam através da Baviera. No dia 27 souberam que a Alemanha estava derrotada. O dia da libertação aproximava-se. Na noite de 28, dirigentes alemães abandonaram o campo. Corre entre os prisioneiros a versão de que o coronel Weiss se recusou a cumprir a ordem terminante de evacuação recebida. A' ultima hora, mandou içar uma bandeira branca e retirou-se para o Tirol com os guardas das SS.

Entretanto, Munich caía. A Alemanha perdera a guerra. No dia seguinte foi a libertação. Eles nem queriam acreditar. Julgavam que era um sonho. Nos ultimos tempos, o drama de Dachau foi a aglomeração de prisioneiros que vinham de outros campos, á medida que os Aliados avancavam e as tropas alemãs eram obrigadas a abandonar terreno. Só de Buchenwald vieram para aqui cinco mil num dia. 2.700 ficaram pelo caminho. De Flossemburgo saíram sete mil e não chegaram a Dachau mais de dois mil. Em seis dias, entraram no campo dez mil homens. Alguns vinham atacados de tifo. Não houve o cuidado de os isolar e contaminaram os outros. Ainda hoje há quinhentos casos de tifo exantemático e quatro mil doentes nas enfermarias de Dachau. Doze a quinze mil foram dizimados pela epidemia!

O problema da alimentação era atroz. A comida era má e as racões insuficientes. De manhã, um «ersatz» de café; ao almoco, um litro de sopa que era só agua e, ao jantar, vinte gramas de salsicha. Cada prisioneiro recebia, por dia, 180 gramas de pão negro intragavel. Aqueles que tinham a sorte de se empregar nos comandos ou brigadas de trabalho recebiam 50 gramas de gordura e algumas fatias adicionais de pão e de salsicha. Todos tinham, duas vezes por semana, vinte gramas de margarina. Aqueles que não morriam de doença ou de maus tratos, morriam de fome.

Havia ainda a Camara de Gás, a camara de exterminio. Centenas e centenas de prisioneiros acabaram os seus dias na Camara de Gás.

A porta da camara fechava-se hermèticamente e um orificio aberto na parede deixava ver o que se passava lá dentro. Não era certamente para ver os prisioneiros tomar duche que êsse orificio tinha sido aberto.

Vimos o forno crematório, onde se encontravam ainda mais de dois mil cadaveres quando os americanos chegaram. Os alemães já não os puderam queimar, por não terem tempo nem gasolina. E vimos que centenas de cadaveres nus se empilhavam uns em cima dos outros, a granel, em posições macabras, infernalmente impressionantes. Eram cêrca de quatrocentos, ao todo, que iam ser conduzidos para fora do campo, a fim de serem enterrados.

A dois passos dos jardins...

O ar estava impregnado dum cheiro nauseabundo. Na vespera, tinham saído duzentos, que os americanos fizeram conduzir através de Dachau, para que a população visse o horror das atrocidades que ali se cometeram, a dois passos dos jardins, onde brincavam os seus filhos. Todos esses cadaveres faziam parte dos dois mil que os americanos encontraram no forno crematório e que foram retirados de lá por brigadas de trabalhadores alemães, munidos de grandes luvas e de compridos croques. Espectáculo macabro inesquecivel!

Nos ultimos três meses, morreram onze mil prisioneiros em Dachau. Hoje, morrem ainda 125 por dia. Mas as vagas eram rapidamente preenchidas pelas levas de prisioneiros que estavam constantemente a chegar, vindos de outros campos.

Os americanos têm feito tudo o que lhes é possivel para minorar a sorte dêstes desgracados e salvar os que ainda não estiverem irremediavelmente perdidos. Dão-lhes de comer com cautela, porque já se verificaram alguns casos de morte por indigestão ou perturbações causadas pela alimentação abundante em organismos depauperados.

Para evitar que a epidemia se espalhe pela Europa e dê origem a uma catastrofe de grandes proporcões, foi ordenada uma quarentena rigorosa, que terminará no próximo dia 20 de maio. Em seguida, os prisioneiros serão repatriados.

Alguns não têm noticias das familias há muito tempo. Julgam-nos mortos. Mortos que vão ressuscitar e aparecer um dia em casa como fantasmas vindos de outro mundo, de um mundo onde sofreram o que ninguém jámais sofreu em vida. E mesmo no inferno talvez seja melhor. Muitos dos carcereiros dêstes infelizes já nos poderiam dar noticias de lá, se houvesse comunicações regulares com o outro mundo...—N. L.

Está em Lisboa
o governador geral do Congo Belga

Após curta estadia em Bruxelas chegou hoje a Lisboa, no avião «Sabena», do serviço de Londres, o sr. Pierre Rickmans, governador geral do Congo Belga que vai retomar o seu pôsto em Leopoldville.

O sr. Pierre Ryckmans, que no aeroporto da Portela de Sacavem era esperado por representantes do ministro das Colonias e da legação da Belgica, foi, quando da Grande Guerra, combatente nas campanhas de Africa, estabelecendo então residência no Congo, onde ocupou várias funções administrativas, entre as quais a de residente em Ruanda. Em 1934 sucedeu como governador geral do Congo Belga ao general Tilkens, e nessa qualidade foi á Africa portuguesa cumprimentar o sr. general Carmona, quando da visita presidencial ás nossas colonias.

O sr. Pierre Ryckmans tem publicado vários livros acêrca de problemas coloniais, entre os quais «Dominer pour servir», e tem feito pela radio numerosas conferências sobre a politica colonial e o desenvolvimento das comunidades indigenas. Durante esta ultima guerra contribuiu poderosamente para a contribuição que nela teve o Congo Belga. Agora regressa a Leopoldville, depois de ter conferenciado em Bruxelas com o ministro das Colónias da Belgica.

Eisenhower conferenciou em Londres com Churchill sôbre a situação no Reich

LONDRES, 16.—O general Eisenhower, comandante supremo aliado, foi hoje á Presidência do Conselho conferenciar com Churchill. Eisenhower, que veio de avião da Alemanha, acompanhado pelo general Bradley, comandante do 12.º Grupo de Exércitos, foi alvo de uma grande manifestação a noite passada, num teatro de Londres, a cujo espectáculo assistiu. Calcula-se que Bradley regressará ao seu Quartel General na Alemanha ainda hoje.

Supõe-se que a presença, em Londres, do comandante supremo, general Eisenhower, do marechal de Campo Montgomery, e do general Bradley, está intimamente relacionada com a próxima declaração do Primeiro ministro sôbre a situação na Alemanha. Há cinco pontos principais ácêrca dos quais se julga que Churchill quis obter informações em primeira mão dos comandantes militares.

1.º—A situação presente e futura do chamado Govêrno Doenitz e as providências propostas para o desarmamento geral de tôdas as fôrças alemãs, o que até aqui tem sido exclusivamente da competência militar;

2.º — Ajustamente das zonas de ocupação em harmonia com os acôrdos concluidos. Parece que a posição actual das tropas britanicas e, particularmente, das tropas americanas nalguns sectores, está muito além da linha de demarcação, e, portanto, ou as zonas de ocupacão têm de ser revistas ou o 3. e 5.º exércitos norte-americanos têm de efectuar grandes retiradas, do que é designado como zonas ocupadas pelos russos.

3.º—Formacões da comissão central de fiscalização. Pensa-se que toda a autoridade central alemã deixará de funcionar a partir do momento em que esta comissão comece a funcionar. A Comissão de fiscalizacão passará a ser de facto a autoridade soberana na Alemanha, tanto na parte que diz respeito aos negócios internos, como ás relações com os govêrnos estrangeiros. Como o marechal de Campo Alexander está encarregado da região do Mediterraneo e da Austria, calcula-se que o marechal Montgomery será o representante britanico na Comissão de fiscalização. O general Eisenhower já foi nomeado pelo govêrno norte-americano para aquela Comissão, e espera-se que o marechal Zhukov será o representante russo.

4.º—As medidas que têm de ser tomadas para a entrega dos alemães e outros criminosos de guerra á justiça. As listas organizadas pelos diversos países não serão coordenadas. A comissão britanica dos crimes de guerra confirmou a sua decisão anterior de não publicar a lista britanica. Homens como Goering—calcula-se—não serão submetidos a um julgamento formal, mas tratados de harmonia com as decisões tomadas. Em presença das diferentes opiniões manifestadas, supõe-se que Churchill gostaria de esclarecer com as autoridades militares responsáveis pelos presos e prisioneiros as medidas a tomar.

5.º—O problema dos 20 ou 30 milhões de pessoas deslocadas, que têm que ser alimentadas, repatriadas e tratadas e que em muitos casos não têm casa nem patria onde voltar e que exige decisão rápida de muitos govêrnos se se quiser evitar novas tragédias.

Finalmente, espera-se que seja feita uma declaração ácêrca da zona de ocupação francesa, sôbre a qual têm corrido várias versões. Os pedidos franceses são considerados muito mais modestos que as notícias disseram, mas mesmo assim exigirão importantes reajustamentos dos primitivos planos.—(R.).

OS PÉS DORIDOS

Podem ser rápidamente Aliviados

Para acabar com os seus males tome um banho de pés com Saltratos Rodel. Logo após o primeiro banho de pés, os ardores, os inchaços e tôdas as inflamações desaparecerão e sentirá uma sensação de bem-estar que ultrapassará as suas esperanças. Os Saltratos Rodel libertam o oxigénio nascente que penetra nos tecidos, activa a circulação do sangue e amolece calos e calosidades de tal maneira que podeis mesmo andar o dia inteiro, se fôr necessário, sem dores e sem cansaço.

SALTRATOS RODEL

À venda em tôdas as farmácias e drogarias aos preços de 5$00, 10$50 e 16$00.

A precisão dos movimentos obriga a uma concentração de todas as energias

A agilidade e a rapidez de acção exigem uma perfeita harmonia entre músculos e nervos

A elegância de movimentos requere a máxima elasticidade

A força e resistência combativas demandam músculos sólidos e potentes

Os Desportos!

O esforço desordenado que os desportos exigem do organismo, necessita de ser compensado proporcionando aos músculos e aos nervos o alimento adequado. A sensação de fadiga, a diminuição de força motora, de elasticidade nos movimentos, de agilidade, de energia, são os sinais de alarme pelos quais o organismo anuncia uma perda de resistência. Se notar qualquer destes sintomas recorra com confiança ao Fósforo Ferrero. Um breve tratamento com 4 comprimidos diários, restituir-lhe-a o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico, tornando-lhe o desporto fácil, agradável e de uma real utilidade para a saúde.

Consulte o seu médico e peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero

À venda em todas as farmacias em caixas de 20 e 40 comprimidos

O equilíbrio e a velocidade em baixas temperaturas produzem um maior gasto de energia

O impulso e o domínio requerem uma perfeita coordenação nervosa

O ímpeto e a combatividade obrigam à máxima tensão da musculatura

A velocidade exige um conjunto muscular resistente e bem tonificado

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

SELOS-ALBUNS

Visite a nossa Casa, onde encontrará o maior sortido em séries completae, selos avulso. Sempre os melhores preços

Peça grátis «O Filatelista», jornal filatélico; aparece todos os meses

ELADIO DE SANTOS

Rua Bernardo Lima, 27

Telefone 4 9725

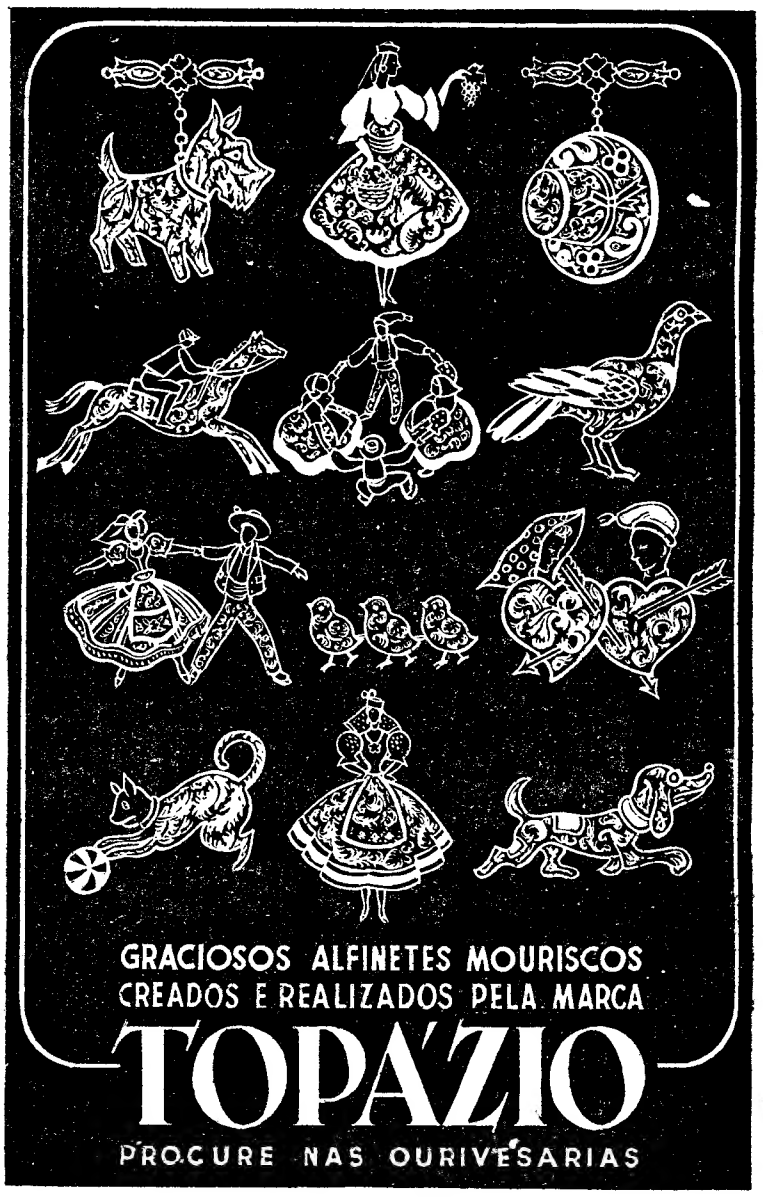
DINHEIRO

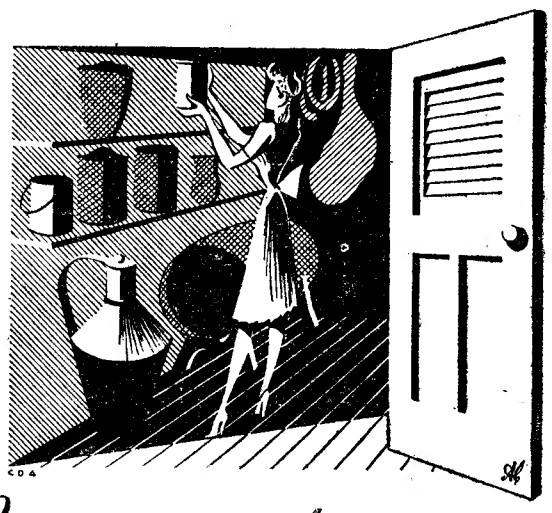
EMPRESTA-SE

dando-se o maximo sobre todos os objectos

R. Duque de Palmela, 11

á R. Alexandre Herculano





na sua dispensa...

NÃO É NECESSÁRIO GUARDAR QUALQUER LUGAR PARA A VITENA, PORQUE ESTE DELICIOSO ALIMENTO SE ENCONTRA À VENDA NO SEU FORNECEDOR HABITUAL. VITENA, O ALIMENTO CRIADOR DE VIDA, DEVE FAZER PARTE DA ALIMENTAÇÃO DE CRIANÇAS, VELHOS, DOENTES E CONVALESCENTES

VITENA

É UM PRODUTO COPAM

APA

BOLACHA AMERICANA

"NABISCO"

A MELHOR MARCA — MELHOR QUALIDADE

Sempre novas remessas à venda nas boas casas

Livros novos

A Revolta, de Fausto Duarte.

Fausto Duarte

Entre os escritores que a Africa nos tem dado, destaca-se Fausto Duarte, o do «Auá», visual, intenso, de altos descritivos dramaticos e conhecendo, profundamente, a psicologia da alma negra. Vivendo na Guiné, Fausto Duarte tem como cenario habitual dos seus romances a Guiné, nesse curioso rincão das nossas colonias, porventura um dos mais densos de interesse literario. Intitula-se «A Revolta» o novo romance de Fausto Duarte, que nos dá, com relêvo, a vida aventurosa de um regulo bijagoz, ultimo descendente de uma tribu dominante. O livro tem côr local. Não é feito de ficção, mas de realidade vivida e sentida. E' poderoso de efeitos evocadores. A selva, os costumes indigenas, as lutas crueis, as superstições, os encantamentos, a vida tentacular e misteriosa dos povos, tudo isto é dado, em pinceladas sugestivas, através de uma acção dramatica que, em absoluto, nos empolga. «A Revolta» obterá, decerto, um merecido exito. Livraria Latina.

Jóias – Pratas antigas

Compramos sempre por bom preço

BARRETO & GONÇALVES, L.DA

AVALIADOR OFICIAL

17, Rua Eugénio dos Santos, 19

T. S. F.

Reparações em toda a classe de receptores por muito difíceis que sejam, executam-se na bem conhecida

ELECTRO-LISBOA, L.DA

Basta telefonar e, sem mais incómodos, V. Ex.ª receberá o seu Rádio devidamente afinado

ORÇAMENTOS GRATIS

246, 248, RUA AUGUSTA — Tel 20588

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker—Paris

RINS, vias urinárias—Venero—Sifilis

T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas

Telefone 2 9062

ALCOBAÇA

Visitem o «HOTEL RESTAURANTE BAU». Esmerado serviço de restaurante e esplendidos quartos e «*appartements*».

Recomendado pelos Automovel Club de Portugal, Club dos Medicos Portugueses, Club dos «100 á Hora» e Sociedade Propaganda de Portugal.

Bau só existe um em Alcobaça e não tem sucursais

MOBILIAS

Renascença, talha primorosa. Inglesas e D. João V. Quartos e C. Jantar modernas. Tapetes Arraiolos. Visite-nos antes de comprar. C. Sacramento, 6 (ao Chiado).

Maria da Luz Gomes Pereira

Agradecimento e missa do 30.º dia

Joaquim António Pereira, Filipe Gomes Pereira, sua mulher Gracinda Henriques Gomes Pereira e filhos e mais Família, na impossibilidade de poderem agradecer, por forma individual, a todas as pessoas que durante a sua longa e grave doença tão piedosamente se interessaram pelo estado da sua querida e extremosa Esposa, Mãe, Sogra, Avó e Parente e ainda aos que a acompanharam á sua ultima morada, vêm, por êste meio, tornar bem expressivo o seu eterno reconhecimento e jámais poderão esquecer as atenções amigas que lhes dispensaram em tão doloroso transe; informando que no próximo dia 17 será rezada missa ás 10 horas, na Igreja de S. Domingos, no altar de Nossa Senhora da Conceição, agradecendo também, desde já, a todas as pessoas que se dignarem assistir a êste piedoso acto.

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 4.ª pag.)

inteiramente bem—no trajo e na alimentação. Eu gosto de frequentar gente assim. São relações que oferecem garantia e é agradavel «ter comércio»—esta palavra «comércio», é empregada aqui fora do seu sentido próprio, porque eu não sou comerciante—é agradavel, dizia, ter relações com uma pessoa bem vestida e bem tratada, com gôstos medios e opiniões médias, como são, felizmente, também as minhas. De maneira que, como, para mais, eramos vizinhos, davamo-nos muito, saiamos muitas vezes de casa lado a lado, iamos ao café juntos, tomávamos o mesmo «eléctrico», podia dizer-se que eramos inseparaveis. Porque foi que esta intimidade acabou? E' uma coisa dificil de explicar. Foi da minha parte talvez uma questão de nervos, uma tolice, uma impressão estranha. A primeira vez que eu notei o facto que me impressionou foi uma manhã, por sinal que uma esplendida manhã de dia cheio de luz, em que nós passavamos por uma travessa que faz esquina para a nossa rua calma e de pouco transito. Eu vinha ao lado dele, passávamos exactamente á esquina da tal travessa, quando de lá nos veio uma voz de homem que gritava indignada:

—Você é um pulha, um mariola, um safado!...

E eu vi o sr. Mendes estremecer, fazer-se branco, apressar o passo como quem foge.

—Que tem?—preguntei-lhe eu.

—Não ouviu aquele homem?—respondeu ele. —Com quem eram aquelas palavras? Não era comigo com certeza?

Eu fiquei tão espantado que não soube que lhe responder. E parece que foi de propósito. Parece que as coisas se combinaram, por acaso, por uma destas contingências que são raras, para que, mais umas duas ou três vezes, se dessem casos semelhantes. Ou era uma voz esganiçada de mulher que gritava dentro de casa de forma a ouvir-se pelas janelas abertas «meu grande malandro», ou uma outra voz lacrimosa que repetia «ah! bandido, bandido», e era sempre da parte do sr. Mendes um estremecimento, um subito empalidecer e a mesma preguntá ansiosa:

—Não é comigo, não acha?

Era, pelo menos, estranha, aquela ansiedade. Nos «cafés» é frequente ouvir, de mesa para mesa, estas palavras e outras piores, adjectivos qualificativos aplicados a uma incógnita, a um X que só o não é para os companheiros de mesa, que sabem a quem elas se referem. Eu, como toda a gente, oiço e não ligo. Pois o sr. Mendes enfiava, bebia tremulo a chicara de café, punha as moedas que pagavam a despesa sôbre a mesa, levantava-se e dizia logo:

—Vamos embora...

—Porquê? Que pressa é essa?—indagava eu, surpreendido.

—Não ouviu o que eles disseram?—respondia-me ele, muito pálido.

Até que a ultima foi numa tabacaria no Rossio, onde entráramos para comprar cigarros. Ao nosso lado, junto ao balcão, estava um grupo de quatro homens, conversando animadamente. E um deles, um tipo gordo, de grandes bigodes brancos e de óculos com aros de tartaruga, dizia para os outros, com convicção:

—Fiquem vocês sabendo que é uma besta. E que acima de tudo é um safado, um tipo sem caracter...

O sr. Mendes não comprou os cigarros. Fugiu logo para a porta da rua.

Foi a ultima vez. Nunca mais acompanhei com um homem, com tão estranha mania e de tão doentia susceptibilidade. Eu parece-me que ele é um homem sério. Mas por que razão se punha naquele estado quando ouvia coisas desagradaveis, dirigidas, sabe-se lá a quem? E' pelo menos, esquisito. E pelo menos ennervante. De maneira que aboli a antiga intimidade. Limito-me a falar-lhe quando o encontro e, sempre que posso, ás vezes, até fora de propósito, digo-lhe coisas como estas:

—Sim, porque V. Ex.ª que é um homem de bem... Sim, porque o sr. Mendes é um cavalheiro...

Ele aperta-me a mão efusivamente ee agradece:

—Muito, muito obrigado...

Pois sim, mas eu é que não quero intimidades.

RAMADA CURTO

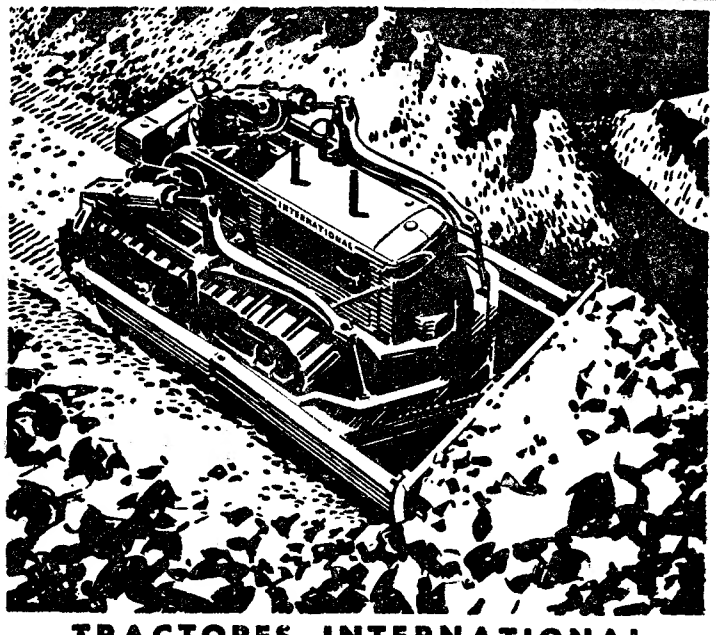
O centenário de Oliveira Martins

Uma conferência de Manuel Mendes

Realiza-se esta noite, ás 21 e 30, nos salões do Ateneu Comercial de Lisboa, a anunciada conferência do sr. dr. Manuel Mendes, subordinada ao título «Oliveira Martins—O Homem e a vida», a qual marca o inicio do ciclo de conferências sôbre Oliveira Martins, com que o Ateneu se associa ás comemorações do nascimento do ilustre escritor.

AGRESSÃO GRAVE

ALVITO, 14.—António Augusto Pinto foi agredido, por Inácio Branquinho, com uma facada, próximo do coração. O agressor, que ficou com um braço fracturado, foi preso. O agredido seguiu para Lisboa e o seu estado é perigoso. Parece que de há muito andavam de rixa.



TRACTORES INTERNATIONAL

Fôrça móvel para TUDO

As estradas são de importância vital para os transportes modernos... e aos TRACTORES «INTERNATIONAL» cabe uma parte importante no desenvolvimento de estradas públicas em todo o Mundo. Trabalhando sob desfavoráveis condições de actuação, os Diesel «INTERNATIONAL» têm provado a sua eficácia na construção de estradas militares e para o tempo de paz. Levantam wagons até 14 metros; talham subidas e descidas de caminho; aplanam e cortam margens com lâminas próprias para empurrar terras; puxam grandes escarificadores e desempenham uma grande quantidade de outros trabalhos pesados.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY

Harvester Building Chicago 1, U. S. A.

Distribuidores em Portugal:

FASSIO, LIMITADA

20 — Rua Jardim do Regedor, 32 — Lisboa

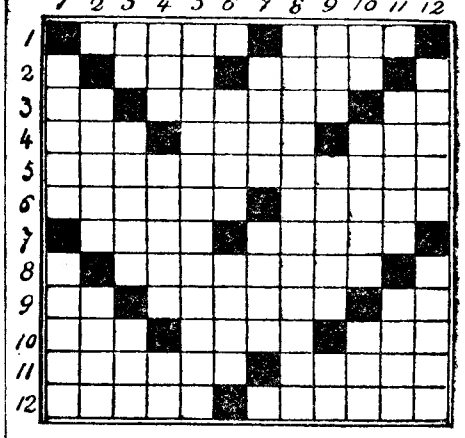
TRACTORES «INTERNATIONAL» — Construidos pela International Harvester, uma firma que tem mais de 110 anos de experiência de engenharia e manufactura.

INTERNATIONAL HARVESTER

4 EVA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLÈMA N.º 963



HORIZONTAIS: 1—Cidade e porto da Palestina sob mandato britanico. Nome de homem. 2—Acredtei. Mulheres de muito pequena estatura. 3—O mais. Planta bromeliacea originária da América. Simbolo quimico do bromo. 4—Fecha as asas para descer mais depressa. Cinchos. Lavre. 5—Relativos á cabala dos hebreus. 6—Estimaria. Excentrico. 7 Voraz. Género de aves aquáticas palmipedes lamelirostras (pl.). 8—Desviares. 9—Caminhar. Guarneceres de asas. Nota musical. 10—Iniciais que costumam encimar os convites para funerais. Fecham as asas para descer mais depressa. Preposição e artigo (pl.). 11—Engastes. Ornamentas. 12—Apelido antigo. Capital da Eritreia.

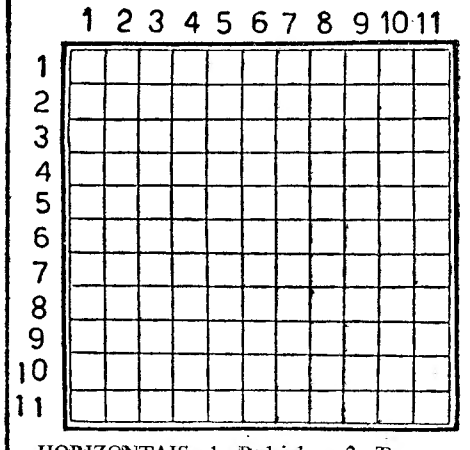
VERTICAIS: 1—Grande convulsão. Celebre feiticeira a quem Homero atribue grande papel na sua «Odisseia». 2—Ligação. Brincara. 3—Antes de Cristo. Paroco. Deus dos rebanhos e dos pastores. 4—Colera. Sulcava. Enxerga. 5—Acabasses. 6—Canção. Ofereceis. 7—Aniversário natalicio. Crisol. 8—Guarneceremos com fitas de nastro. 9—Fluido aeriforme. Pequenos barcos de recreio. Unidade monetária alemã (abre.). 10—Pedra de dominó. Acções. Nome de mulher. 11—Pães de milho. Transmitir gratuitamente a outrem. 12—Prisioneiro. Pronome possessvo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 962

HORIZONTAIS: 1—Siara. Carpa. 2—Orda. Reis. 3—Prismáticos. 4—Ração. Adora. 5—Irritar. 6—Pó. Dá. 7—Narrada. 8—Aiaia. Varra. 9—Arrostarias. 10—Real. Iate. 11—Assam. Casos.

VERTICAIS: 1 — Sopro. Saará. 2 — Irra. Ires. 3—Adicionaras. 4—Rasar. Aiola. 5—Moraras. 6—Vá. Tu. 7—Tateava. 8 A'rida. Daria. 9—Recordarias. 10—Pior. Rato. 11—Assar. Cases.

(NOVA MODALIDADE) PROBLEMA N.º 96



HORIZONTAIS—1—Padrinho. 2—Tramam. Fio de tripa que vibra em alguns instrumentos. 3—Batráquio. Barcos pequenos de recreio. Prefixo de negação. 4—Nome de mulher. Nome de homem. Madeira. 5—Lei. Ecoara. 6—Réptil sáurio. Piedosas. 7—Relativas á ogiva. 8—Devastam (fig.). Estilo. 9—Raiva. Azafama. Variedade de carbonato de cálcio. 10—Porto interior. Cabo de objecto. 11—Estimais. Mover os remos para impelir o barco.

VERTICAIS—1—Planeta mais distante da terra. Arranca. 2—Campos relvosos. Lavram. 3—Preposição latina que designa direcção. Pancada com argola. 4—Monarca. Feiticeira. Nêsse lugar. 5—Amanga. Iman. 6—Pronome pessoal. Quarto. Um dos pecados mortais. 7—Levanteis. Amarra. 8—Pronome pessoal. Suco das capsulas de diversas papoilas que serve de narcótico. Base. 9—Abreviatura da unidade monetária de França. Espaço de território que se abrange num golpe de vista. 10—Detestara. Exponha. 11—Pões-te amuado. Má sorte.

KIT

Loção Balsâmica para depois de barbear

Distribuidor:

Travessa da Rua Formosa, 20

PORTO

O PETROLEO PIVER, excelente produto da Química Francesa, é a razão pura e simples de uma bela e sedosa cabeleira.

O Petróleo PIVER conserva e revigora o cabelo, limpa-o e perfuma-o, eliminando, ao mesmo tempo, a caspa.

O Petróleo PIVER, que tão optimos resultados tem dado, é ainda o agente indispensável para a conservação do cabelo.

L.T. PIVER

PNEUMÁTICOS PORTUGUESES

Concurso para uma Marca e uma Legenda

12 MIL ESCUDOS DE PREMIOS

A MANUFACTURA NACIONAL DE BORRACHA, S. A. R. L., com Alvará para o fabrico de pneumáticos, promove dois concursos para a escolha de uma

MARCA

destinada aos artigos de seu fabrico, e de uma

LEGENDA

frase ou «slogan» a usar no réclamo dos seus produtos.

PREMIOS

PARA CADA UM DOS CONCURSOS

1.º — Esc. 3.000$00
2.º — Esc. 2.000$00
3.º — Esc. 1.000$00

O concurso terminará em 31 de Maio de 1945 e as suas condições serão remetidas a quem enviar preenchido, o seguinte recorte :

A' Manufactura Nacional de Borracha

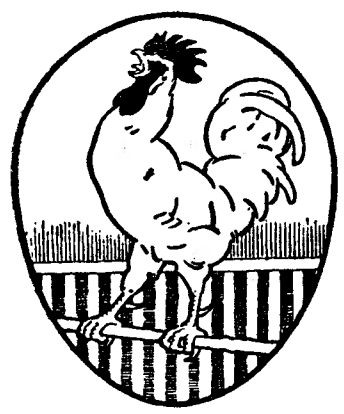
RUA DE FERNANDES TOMAS, 706, 1.º *PÔRTO*

Queiram enviar-me as condições dos concursos da MARCA e da LEGENDA

NOME... ... ...

MORADA... ... ...

.....



Bendita seja a Paz!
E que Deus no-la conserve

A «MARIAZINHA» revela que já tinha preparado o plano para a nova batalha que vai travar, com o fim de conquistar, no mais curto espaço de tempo, os melhores elementos que se forem descobrindo para melhorar ao máximo os seus produtos.

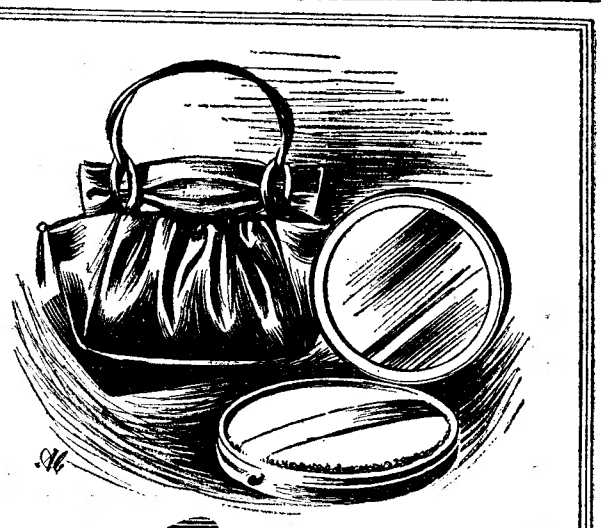
E' que «A MARIAZINHA» não esquece o compromisso tomado. E também não consente, custe o que custar, que lhe seja arrebatado o 1.º lugar que sempre ocupou desde a primeira hora.

A Mariazinha

Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas

Rua Barros Queiroz, 26 e 28

(à Igreja de S. Domingos)



PO' DE ARROZ Dion

UMA COISA QUE NÃO DEVE FALTAR NA SUA MALINHA

LEMAQUE

SOC. DE EXP. & IMP. LDA. • RUA IVENS, 44-4.º • LISBOA

Farinha Amparo

Ao almôço, ao lanche ou ao deitar, é o melhor alimento. A' venda em tôda a parte. Produto da Aliança d'Ouro, Ld.ª — R. da Rosa, 71.

BASILISA PEDROSA
Parteira diplomada
Rua Augusta, 275-4. — Tel. 2 9607

O «Diario de Lisbôa» vende-se em Vila Franca das Naves, no n/ agente Antonio dos Reis.

Arrematação no Tribunal de Almada

QUINTA

com 100.000 metros quad., no centro da vila de Almada, com bastante água. Grandes armazens, casas de habitação, óptima para qualquer instalação comercial ou industrial e para **urbanização.**

Vai á praça ámanhã, 17, ás 12 horas, por Esc. 176.160$00.

LUSTRES

APLIQUES
CASTIÇAIS
ABAT-JOURS

J. R. DE BRITO
FABRICANTE
E
RESTAURADOR DE LUSTRES ANTIGOS

CANDELABROS
CANDEIROS DE MESA
VELAS, MADEIRA E CARTÃO

Rua Luiza Todi, 2 (à rua de D. Pedro V) Telef. 2 0497 — LISBOA

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

SEM COBERTURA—O sr. Luiz Torres Meneses, residente na rua de Santa Justa, 101, queixou-se á P. I. C. contra determinado individuo, cujo nome indicou, a quem acusa de lhe ter dado um cheque, na importancia de 12.000$00, para pagamento de uma conta, que depois verificou não ter cobertura.

FURTO POR ARROMBAMENTO—Os gatunos entraram, por arrombamento, no estabelecimento Artes Decorativas, rua do Ouro, 280, de onde furtaram uma máquina de escrever, um relogio em bronze e um cortinado.

DESASTRES

COLHIDO POR UM AUTOMOVEL—Na praça dos Restauradores foi colhido por um automóvel o sr. Pedro Saldanha, gerente do Concha Bar, que recolheu ao hospital de S. José em estado grave.

MORTO POR INTOXICAÇÃO — Chegou hoje de manhã, já morto, ao hospital de S. José, de onde seguiu para o Instituto de Medicina Legal, Virgilio Ferreira de Almeida, 17 anos, marçano, morador na rua B, á Quinta do Ferro, 15-B, por na sua residencia ter sido intoxicado por gás da iluminação.

COM UM TIRO NUMA PERNA—Por se lhe ter disparado a arma caçadeira, de que era portador, do que resultou ter ficado com uma perna muito ferida, deu hoje entrada na sala de observações do hospital de S. José, o hortelão Luiz Rosa, 37 anos, residente em Sobral de Monte Agraço.

COLHIDO POR UM COICE—Na sala de observações do hospital de S. José, deu hoje entrada, por ter sido colhido por um coice no ventre, Americo Rodrigues, de 45 anos, servente de calceteiro, morador no Fundão, onde sofreu o desastre.

CHOQUE DE VEICULOS—O «eléctrico» n.º 308, guiado pelo guarda-freio Manuel Gameiro, chocou hoje, no Campo Grande, com uma carroça da C. M. L., de que era condutor Alberto Gonçalves. Do embate resultou ser cuspido da carroça António José Domingos, que, além de ter sofrido várias contusões, ficou com um braço fracturado, pelo que teve de ficar internado no hospital escolar de Santa Marta. O guarda-freio e o condutor da carroça foram presos.

AMERICANOS EM VIAGEM

O avião da Aero Portuguesa, que regressou hoje de Casablanca, partiu esta tarde, numa viagem extraordinária, para Marrocos, levando dez americanos, de ambos os sexos, que ha bastante tempo se encontravam em Portugal, e que vão fixar residência no Norte de Africa.

O avião da Aero Portuguesa fará, ámanhã, outra viagem extraordinária, transportando mais americanos que vão para o mesmo fim.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 2 3/4 I 10	—	—	980$
Consolidado 3 % I 10	1.007$	1.007$	1.008$
Consolidado 3 1/2 I 10	1.050$	1.048$	1.052$
Consolidado 3 3/4 I 10	1.030$	1.028$	—
Obrigs. T. 4 1/2 1942	999$	998$	1.000$
Centenários 4 % ...	2.460$	2.460$	—
Externas 1.ª série ...	—	1.945$	1.970$
Externas 1.ª carimbadas	—	—	1.910$
Externas 3.ª série	—	1.935$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	—	1.920$
Cautelas 3.ª série s/juro	—	292$	295$
Acções			
Esp.St.º e Com.l port	—	2.600$	2.608$
Lisboa e Açores por...	975$	970$	978$
Ultramarino cp. I p...	436$	436$	437$
Fidelidade	—	50.000$	54.500$
Mundial	—	1.450$	1.550$
Aguas Lisboa 1934 I.p.	—	228$	—
Aguas Lisboa 1936 I.p.	—	—	223$
Cervejas Estrela	—	1.851$	—
Cimentos Tejo	575$	570$	580$
Cimentos Leiria I p...	—	—	1.000$
Crédito Predial port. ..	30$	30$	30$
Gás e Electricidade cup.	320$	320$	321$
Alto Alentejo cupão..	860$	850$	865$
Industrial Aliança. ..	—	390$	395$
Portugal e Colónias ..	316$	316$	316$
Nacional Naveg. I p	1.042$	1.041$	1.045$
Colonial Navegação ..	1.190$	1.180$	1.200$
Port.ª de Tabacos cupão	—	601$	608$
União Eléctrica Port.ª	—	—	640$
Cassequel	1.035$	1.034$	1.035$
Agricola das Neves ...	740$	735$	740$
Agricultura Colonial ...	471$	471$	472$
Açucar de Angola... ...	1.784$	1.782$	1.785$
Buzi	208$	208$	209$
Ilha do Principe	—	629$	630$
Zambézia I de 25 ...	95$	94$	95$
Obrigações			
Aguas de Lisboa 5 %...	—	545$	550$
Norte de Portugal 5%	—	116$	117$
C. P. 6 % Beira Baixa	—	283$	285$
C. P. 6 %	292$	291$	294$
E. N. I. Moag. 5%T.p.	—	1.030$	—

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2487 RUA DA PRATA 49

VINHO VERDE NATURAL
"VERDE ATEI"
SERVIDO AO ALMOÇO E AO JANTAR
ALIMENTA E DISPÕE BEM!...
R. ALEXANDRE HERCULANO, 100-E - TEL. 62567

A INDUSTRIA CORTICEIRA

Ouvindo o importante industrial

sr. Persio Mira

Sendo indiscutivel a proxima solução do problema europeu, afastando-se dos campos do velho continente o fantasma sangrento da guerra, com um fim que a todos não parece distante—julgamos de maior conveniência e utilidade procurar-se fazer um cuidadoso exame ás possibilidades de produção e de exportação de todos os produtos portugueses.

Uma rubrica encima a lista, guardando de há longa data tão proeminente lugar, por seus proprios valores, afirmando-se, quer na paz como na guerra, um dos mais valiosos factores da nossa Estabilidade Economica e um dos mais reais e eloquentes exemplos da nossa capacidade de produção.

Referimo-nos á cortiça, celebrado produto português, ganhando todos os mercados, afirmando além-fronteiras a riqueza do nosso solo e as verdadeiras possibilidades da nossa industria. Não devemos esquecer que, como qualidade e quantidade, marchamos na vanguarda dos maiores produtores de cortiça de todo o mundo.

Isto são verdades que todos conhecemos, mas que nunca é demais repetir.

A protecção oficial a industria de cortiça é mais do que um elementar preito de justiça e de reconhecimento publico, uma verdadeira chamada a todos os valores economicos da nação.

Achamos, por isso, duma flagrante oportunidade arquivarmos a opinião, desapaixonada e sincera, de alguem que profundamente conhecesse o meio corticeiro português.

A escolha foi, na verdade, rapida. O nosso querido amigo, sr. Persio Mira, competentissimo técnico e dirigente duma das principais firmas de fabrico e exportação de cortiças, nome bem conhecido em todos os meios, quer bancarios, quer comerciais—pôs-se inteiramente á nossa disposição para declarar publicamente a sua opinião sobre a «vida da cortiça em Portugal».

As suas primeiras palavras foram pesadas e medidas com todo o cuidado:

—E' ocioso negar a primordial situação que a cortiça disfruta na serie das riquezas do nosso país. Pena é que, na verdade, se verifiquem certas anomalias que, a meu ver, prejudicam o seu verdadeiro progresso e a sua firme estabilidade.

—Anomalias?! — atalhamos — Anomalias numa das primeiras industrias portuguesas?!...

Persio Mira sorriu e concretizou o seu pensamento:

—Sejamos claros. Uma industria, para que sinta os pés bem seguros na terra, tem que andar com uma directriz rigidamente traçada, e não sujeita a aventuras e a dependências do acaso. Ando neste meio há vinte e cinco anos e a verdade é que, salvo uma pequena minoria, uma grande percentagem de empresas não tem conseguido, ultimamente, a segurança de lucros que lhe permitiria um progresso necessario para todos—patrões, operarios, para o país, enfim. Falta, na verdade, um certo senso comercial, uma calma orientadora e directiva, aqueles conhecimentos, técnicos ou comerciais, que são a base dum desenvolvimento sólido e seguro.

—Pode precisar melhor as suas palavras?!...

—Tentarei... Como sabe, a base de toda a trama comercial da nossa industria é a compra da cortiça no montado e, em seguida, a orientação a dar aos vários sectores técnicos que transformam um produto natural num artigo de venda ou de exportação. Há, sempre, um factor que determina verdadeiramente as compras de cortiça no mato: é a venda dos refugos, virgens e aparas. Evidentemente que, como nos ultimos meses, quando o seu preço melhora, uma grande parte dos fabricantes de cortiça é arrastada num entusiasmo que os leva a fazer ofertas ás cortiças em bruto ainda a extrair verdadeiramente acima do que seria para esperar.

—Seria um encadeamento logico...

—Mas não é tal!... Esperamos dois e três meses para exportar e daqui resulta que o que hoje é «preço», amanhã o não será. E o futuro não será mais do que uma incognita. Como vê, creio que tenho razão...

—Efectivamente, assim é. Diga-me agora: claro que todas essas flutuações vão arrastar uma concorrencia...

—... que não deixa de ser curiosa, interrompeu o sr. Persio Mira. Os artigos de que lhe falei são quasi que inteiramente negociados em Lisboa. Há firmas que só a isso se dedicam, embora, na verdade, não passem de puros representantes de casas estrangeiras. E duas correntes se desenham: uma, a compradora, composta por meia duzia de firmas importantes; a outra, representada por centenas de firmas, ou fabricantes ou vendedores, que se digladiam—e, evidentemente, em proveito das primeiras. E ora aqui está uma das anomalias de que lhe falei. Essas centenas de fabricantes que tanto se guerreiam vêm a comprar no mato por preços altissimos, que, mais tarde, na venda, muitas vezes não podem manter.

—O campo e a cidade...

—Evidentemente que o lavrador merece lucro do seu trabalho e das suas responsabilidades. Nêle assenta um dos mais fortes pilares da nossa vida economica. No emtanto, há lucros e lucros... A cortiça cria-se por si, sem despezas ou cuidados especiais.

—No meio termo está a virtude...

—Nem mais, concordou o nosso amigo. Aquelas firmas que, na verdade, industrializam a cortiça, devem pesar bem as suas responsabilidades, as suas condições de venda, as suas verdadeiras possibilidades de exportação que é, por assim dizer o cume de toda a industria. Não sucederia, como pessoalmente tenho verificado, que varias empresas se aventuram no caminho exportador encontrando, como seria de esperar, bem grandes dificuldades. Há entre nós o vicio da exportação.

«Por um lado, tal atitude é progressiva e duma firme logica comercial. No emtanto, parece-me que antes de tudo é necessário criar o ambiente proprio para que tal exportação se faça sem desdouro para um artigo português que é justamente celebre em todo o mundo.

Não se compreende que se envie—como tantos fazem—a nossa cortiça por êsses mares fora, á consignação. Mandar, sim, mas apenas com as garantias necessarias para não astiolarmos tão importante ramo da nossa industria.

E ante a nossa estranheza, o importante industrial, sr. Persio Mira, cita factos:

—Tem sucedido varias vezes o que lhe digo. Quer para as Americas, quer para países europeus, a cortiça portuguesa é muitas vezes mandada sem qualquer garantia. Sei de firmas que têm assim enviado imensa mercadoria para o estrangeiro. E o que sucede?!... Se, por qualquer motivo, a casa para onde foi enviada consegue, de outro fornecedor, cortiça mais barata, é um nunca acabar de defeitos: que o produto é fraco, que vem molhado, etc., etc. E o exportador, ficando com a cortiça, que não pode enviar de novo para Lisboa, acaba por vende-la com uma quebra que muita vez atinge 50 por cento. Como vê, industriais que assim enviam a nossa cortiça para o estrangeiro, prejudicam todos aqueles que procuram exportar, digna e cuidadosamente. A propria industria transformadora —como exemplo: varias firmas do norte—em Paços de Brandão—não foge ao defeito de exportar á consignação inumeras mercadorias, como sacas de rolhas, etc.,

—E no sul?!—perguntamos.

—Aqui, em baixo, as coisas não vão tão bem como seria para desejar. A fabricação da rolha, por exemplo, está quasi paralisada, e esta modalidade é das mais importantes e aquela que bem pior está. Infinitamente trabalhosa, o seu futuro na praça é duvidoso e incerto. Assim, por exemplo, um dos aspectos que acho não devemos esquecer é a situação do operariado. E' inteiramente justo que se lhe dê uma situação estavel e definida, garantindo-lhe uma certa efectividade de trabalho. E' necessario procurar garantir uma segura continuidade no fabrico das rolhas. Para isso, seria urgente examinarmos, em primeiro lugar, a origem das compras em muitas firmas pequenas. Muitas há que se limitam a comprar, pura e simplesmente, cortiça roubada. Como é evidente, as rolhas, batoques, etc., assim fabricados apresentam preços que todos aqueles que, honradamente vivem, não podem combater.

—Em tais condições é impossivel trabalhar, —acrescentamos nós.

—Como vê... E acredite que não exagero. Em segundo lugar, seria necessario que todos os fabricantes de prancha abatessem 10 a 20 por cento, nas suas vendas, proporcionando á secção transformadora uma margem de lucro de molde a promover, tanto quanto possivel, a sua industrialização em todo o país. Tudo isto reunido com o gravissimo aspecto das vendas á consignação a que já me referi cria um ambiente muito pouco propicio para a prosperidade da industria corticeira portuguesa. E ainda me quero referir a outros dois aspectos. Se de facto fôsse superiormente determinado o engarrafamento obrigatorio, como o meu colega, sr. Aldemiro Mira declarou nas colunas do jornal «O Seculo», não calcula o meu amigo como o panorama mudava para melhor. Milhares de trabalhadores melhoravam as suas condições de vida e o nivel do seu trabalho. Seria justo tambem que os nossos dirigentes fizessem o possivel nas facilidades de vendas para as nossas colonias, bem como manter-se o engarrafamento obrigatorio tambem para a Africa. Como vê, eram duas industrias—a minha e a vidreira—que sofriam um forte impulso de progresso.

—Falou em dois aspectos que queria focar...

—Ah! Sim!... O segundo é o da urgente protecção á industria transformadora. Tal resolução seria agradecida de alma e coração por centenas de operarios e técnicos portugueses. E o caso não me parece de muito dificil solução. Assim, em tempos normais, é exportada uma certa percentagem de cortiça em prancha, e dela, uma grande parte é para ser fabricada —rolhas, etc. Se em vez de tais envios, ficasse em Portugal uma quantidade bastante para aqui ser transformada, e daqui ser enviada em condições aduaneiras que equilibrassem o volume das vendas de cortiça em prancha, para varios países.

—De facto, nunca o problema foi posto tão claramente, concordámos nós.

—Uma palavra, ainda: não tive, em todas estas considerações, o mais leve intuito de melindrar quem quer que fôsse. Apenas pretendi mostrar o interêsse que tenho no verdadeiro progresso da industria da cortiça, quer como lavoura, quer como industria de exportação ou de transformação. E devemos, ainda, todos pensar nas melhorias de vida do nosso operariado. E' justo que assim seja, não só pelo reconhecimento de todo o seu valioso trabalho, mas ainda por um caso elementar de justiça social.

Com esta observação, que bem reflecte o seu caracter, acabou o sr. Persio Mira de nos mostrar, clara e desassombradamente, todo o panorama da industria corticeira portuguesa.

E nas suas judiciosas opiniões encontrámos a mais viva defesa dum dos ramos mais importantes de toda a nossa industria, da Economia Nacional, e, por conclusão, do bom nome de Portugal.

A situação em Trieste

(Continuação da 1.ª pag)

ção das hostilidades, o seu destino, nêste momento, só deve ser regulado pelas decisões da autoridade militar na área em que se encontra a cidade contestada. Essa autoridade, no norte da Italia, pertence insofismavelmente ao comando britanico.

O marechal Tito, fazendo avançar rapidamente as suas tropas sobre os bairros de Trieste, quis criar um facto consumado e afirmar, vigorosamente, as reivindicações jugoslavas em relação a toda a região do Adriatico que constitue, tradicionalmente, um motivo de conflito latente entre a Italia e a Jugoslavia. A argumentação com que explica o seu acto invoca, naturalmente, os sacrificios consentidos pela Jugoslavia nesta guerra, o facto de não poder negociar com uma nação vencida, a Italia, e as exigencias de segurança militar que lhe cumpre salvaguardar rigorosamente.

O precedente de Fiume

A solução hibrida que tem sido aventada (deixar aos jugoslavos o encargo de ocuparem a cidade confiando aos neo-zelandeses a área do porto) serviria apenas para prolongar a crise, que se aproxima do seu ponto culminante, e para perpetuar um estado de ficção perigoso entre italianos e jugoslavos. A sentença de Salomão ditada, no caso de Fiume, quando terminou a outra guerra, constitue um precedente que deve ser tomado em consideração pela diplomacia das Nações Unidas.

Em vez duma cidade foram criadas em Fiume duas cidades. Tornou-se necessario estabelecer uma linha de demarcação artificial. Tão artificial que, em alguns pontos, ela tinha as caracteristicas dum muro de prisão ou duma muralha da China. Privando o porto italiano da região a que servia de escoadoiro, condenaram-no a definhar como o ramo de uma arvore privada da sua seiva. Por seu lado, a criação do pequeno porto jugoslavo de Sussak nunca deu os resultados que dela se esperavam, E' para um estado de coisas identico que actualmente se caminha em Trieste? Os inconvenientes dessa solução são por tal maneira manifestos que não vale a pena insistir nêles.

O ESPANTO DO DIABO

Foi hoje posto á venda o semanario humoristico «Sempre Fixe», o mais popular dos jornais comicos que, brevemente, atinge o milesimo numero. O «Sempre Fixe» desta semana traz uma página magistral de mestre Valença, que ha-de ficar na história da caricatura e que, pelo simbolismo e expressão, é uma verdadeira e impressionante obra-prima. Leiam-se ainda os «Ditos da semana», de Alfredo França; «Arrufadas de Coimbra», o «Gato do Campo Pequeno», de Wenceslau Fernandez Flores; «Teatro por dentro e por fora», «Cock-tail semanal»; a pagina famosa de Botelho, e numerosas caricaturas e casos flagrantes da actualidade.

António Cunha, Limitada
Av. Gomes Fereira, 105 – Benfica

Participa a todos os credores que se realiza no próximo dia 19 do corrente, pelas 20 horas, uma reunião para apreciação dos seus créditos.

Lisboa, 14 de Maio de 1945.

A gerência
António Cunha, Ld.ª
(segue o reconhecimento

A França
foi reconhecida
em San Francisco
como uma
das 5 grandes potências

SAN FRANCISCO, 16—A proposta da delegação canadiana e apoiada pela sul-africana, no sentido de a França ser reconhecida imediatamente como uma das cinco grandes potencias, com direito a um lugar permanente no Conselho de Segurança, foi aprovada na reunião da comissão executiva pelos representantes de 49 Nações Unidas.

A comissão concordou igualmente em que houvesse seis lugares não permanentes para Estados eleitos na Assembleia Geral. Desta forma, a qualidade de membro do Conselho de Segurança, como sugeria Dumbarton Oaks, fica limitada a 11 potências.—(Reuter).

Os delegados franceses manifestam-se contra a reunião dos Três Grandes

SAN FRANCISCO, 16.—Os delegados franceses manifestaram forte ressentimento pelo facto da França ter sido excluída da reunião que o Presidente Truman anunciou dos três chefes das grandes potências—Estados Unidos, Grã-Bretanha e Russia.

O ministro francês dos Estrangeiros, Bidault e o embaixador Henry Bonnet partiram para Washington ontem á noite. Uma individualidade oficial francesa, altamente colocada, declarou ao correspondente da Reuter que Bidault e Bonnet iam conferenciar com o Presidente Truman ácêrca da «posição da França na futura organização mundial».—(R.).

Não se crê que De Gaulle seja convidado

WASHINGTON, 16.—Segundo afirmou já o Presidente Truman, não é provavel que o general De Gaulle seja convidado a participar na próxima reunião dos Três Grandes. Truman, interpelado ontem pelos jornalistas sobre se tinha dsicutido com Eden a possibilidade da realização do encontro dos Três Grandes, respondeu afirmativamente e acrescentou que «tinha toda a esperança de que se verificaria a possibilidade de se efectuar oportunamente essa reunião para discutir o plano da próxima paz». Os jornalistas insistiram sobre se De Gaulle seria convidado.

Truman, cujas palavras não podem significar uma citação directa, respondeu assim: «Os Três Grandes reunir-se-ão».

Como é obvio, isto quere dizer que o convite ao general De Gaulle não é nêste momento considerado; êste assunto deve ter sido abordado na conferência que o Presidente Truman teve ontem com Eden.—(R.).

A participação argentina

SAN FRANCISCO, 16.—Os delegados da Argentina fizeram ontem a sua apresentação oficial na Conferência de San Francisco. O dr. Miguel Carcano, chefe da delegação e embaixador da Argentina na Grã-Bretanha, passou o dia em importantes conferências, uma das quais com Lord Halifax, embaixador britanico em Washington e actualmente chefe da delegação da Grã Bretanha á Conferência.—(R.).

A fronteira ocidental
da Alemanha
ENCERRADA POR PRECAUÇÃO

LONDRES, 16—A rádio Luxemburgo informou ontem que a fronteira ocidental da Alemanha fôra encerrada para impedir a fuga dos criminosos de guerra para a Holanda, Bélgica, Luxemburgo e França. A fiscalização da fronteira, que foi imposta pelo Alto Comando Aliado, por ordem do supremo comando, proíbe igualmente o tráfego civil e militar aliado para a Alemanha e dela para fóra, a não ser que seja devidamente autorizado.—(R.).

A ocupação
de Berlim
terá caracter
simbólico
e durará um mês

JUNTO DO EXERCITO CANADIANO, 16—Soube-se que a ocupação aliada de Berlim será um caso de simbolismo, que durará um mês. Depois disso, não é provavel que continue, uma vez que será impossivel manter-se em Berlim qualquer grande guarnição.—(Reuter).

Foi libertado o comandante do exército norueguês

LONDRES, 16 — O general Ruege, comandante das fôrças norueguesas, chegou a Moscovo a caminho da Noruega. O general Ruege foi libertado de um campo de concentração onde os alemães o tinham internado por se ter recusado a comprometer-se a não fazer oposição ás autoridades alemãs da Noruega.—(R.).

A luta no Pacífico
A libertação de Mindanao

MANILA, 16.—O comunicado do general MacArthur informa que as tropas americanas libertaram 90 por cento da grande ilha de Mindanao, a maior das Filipinas, libertando 95 por cento da população.—(R.).

A ofensiva aérea contra o Japão

NOVA YORK, 16.—Os principais chefes aéreos aliados no Pacífico acabam de realizar uma importante conferência em que se julga que foram feitos planos para intensificar o bombardeamento aéreo á metropole nipónica.—(Reuter).

Comunicado oficial russo

MOSCOVO, 16.—Comunicado:

«Completou-se ontem a rendição de tôdos os oficiais e soldados alemães em tôdas as frentes. Desde que cessaram oficialmente as hostilidades, as tropas sovieticas fizeram 1.654.793 prisioneiros e apoderaram-se de enormes quantidades de material, que constituem verdadeiros arsenais de guerra, a classificação do qual será dada a publico em devido tempo, assim como o numero total de baixas que a Alemanha sofreu desde que invadiu a Russia até ser completamente derrotada.

O marechal Estaline, numa ordem do dia, louvou tôdas as tropas sovieticas que tomaram partè nas operações militares contra a Alemanha e os países satélites e concedeu numerosas condecorações a oficiais e soldados pelos seus actos de heroismo em campanha.

Em Berlim, na Checo-Eslováquia e na Austria foram ontem presos mais 437 elementos nazis das S.S. e da Gestapo e importante documentação que alguns dêles tinham cuidadosamente escondido. Foram presos quando se encontravam escondidos ou se preparavam para escapar disfarçados das maneiras mais esquisitas. Muitos dêles praticam crimes e serão julgados nos locais onde os cometeram. Os julgamentos serão iniciados muito em breve».—(U. P.).

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Nos portos
alemães
foram encontrados
muitos navios
em estado de servir

PARIS, 16.—Alguns portos alemães não estão danificados e nalguns dêles encontravam-se navios prontos para largar e que puderam ser empregados imediatamente, segundo se revelou hoje no Q. G. Aliado.

Em Bremen havia ancoradouros para navios da classe «Liberdade», 16 submarinos fabricados e mais 9 sabotados. Em Bremenhaven e Wesermund havia ancoradouros para 20 navios da classe «Liberdade». Estava lá o paquete «Europa», em boa condição, mas no lôdo. O paquete «Bremen» está totalmente perdido. Trinta navios de cargo e 25 traineiras foram tambem encontrados. Em Cuxhaven todas as instalações e navios se encontram intactos, incluindo dois contratorpedeiros, 4 navios antiaereos, 22 caça-minas e 7 submarinos. O porto de Brunsbuttel não estava danificado. Um contratorpedeiro, um submarino, um navio de escolta, um navio antiaereo, um cruzador, 4 submarinos, 2 caça-minas e outros navios foram lá encontrados.

Em Hamburgo, muitos dos ancoradouros mais fundos e docas achavam-se menos danificados do que a principio se julgava: 50 navios mercantes, 19 docas flutuantes e muitos navios pequenos estavam afundados. Em Heligoland, encontraram-se 7 submarinos. A cidade estava destruida. Em Wilhelmshaven, todos os submarinos estavam afundados, mas foram encontrados um contratorpedeiro e 12 caça-minas.

O porto de Kiel estava em piores condições do que se julgara. Todos os estaleiros navais estavam devastados. O cruzador «Admiral Hipper» estava sabotado na doca e o cruzador «Emden» fôra incendiado. Doze submarinos tinham-se afundado, 64 navios médios e navios mercantes pequenos e 9 navios cisternas foram encontrados na doca.

As instalações do grande porto holandês de Roterdão não se encontram tão más como se pensava e só a escassez de carvão impede o seu uso.—(R.).

100 micro-submarinos alemães apresados

LONDRES 16—Nos ultimos meses da guerra europeia foram afundados, provavelmente afundados ou aprisionados. 81 micro-submarinos alemães. Mais 28 foram possivelmente afundados e mais 70 foram atacados sem se terem observado quaisquer efeitos.

Desde que a Alemanha capitulou foram tomados 100 micro-submarinos. Estes factos foram comunicados ontem á noite pelo Almirantado e pelo Ministério do Ar.—(R.).

A SUIÇA RETIROU
a nacionalidade ao autor das leis raciais do nazismo

LONDRES, 16—A rádio suiça disse que ao dr. Ernest Gruedins of Saint Gallen, autor principal das leis raciais de Hitler, foi retirada a qualidade de cidadão suiço pelo Ministério da Justiça da Suiça.

E' antigo professor de hegiene e psiquiatria na Universidade de Munich e pertenceu ás SS.—(R.).

Os fornecimentos
americanos
à Rússia
continuarão
quando justificados

WASHINGTON, 16.—Joseph Grew, secretario de Estado interino, numa declaração que esclarece a atitude dos Estados Unidos para com a Russia, referente á Lei do Emprestimo e Arrendamento, disse que os embarques destinados a êsse país, serão «revistos e continuarão, quando justificados».

«A Lei de Emprestimo e Arrendamento prevê que o Presidente, quando julgue que seja do interêsse nacional, poderá autorizar o chefe de qualquer organismo do govêrno ou de qualquer Departamento a enviar artigos de defêsa para governos estrangeiros. Poderá proceder desta forma até 30 de junho de 1946, ou até que uma decisão conjunta de ambas as Camaras do Congresso, antes dessa data, declarem que êsses poderes já não são necessarios para a defesa dos Estados Unidos.

«A lei torna claro que o Presidente deverá especificar qual a natureza dos artigos enviados, como sendo vitais para a defesa dos Estados Unidos.

«O programa de abastecimentos ao abrigo da mesma lei, enviados para a Inglaterra, India, Australia, Nova Zelandia e colonias britanicas, depois da derrota da Alemanha, foi arrumado depois de discussões entre os representantes britanicos e americanos. Foi proposto que de tempos a tempos tal programa seja revisto e reajustado conforme seja requerido pelas diferentes necessidades de abastecimentos.

«Desde 1941 que os Estados Unidos concordaram com a Russia nos programas de envios dos abastecimentos anuais a que foram dadas as formas de protocolos. Atendendo ás alterações verificadas na situação militar, programas com tal duração já não são considerados necessarios. Em seu lugar sugeriu-se que os embarques de quaisquer materias ao abrigo da Lei de Emprestimo e Arrendamento sejam revistos e continuados, quando justificados por convenientes informações e atendendo á natureza militar essencial dos emprestimos pedidos, bem como aos pedidos feitos pelas outras nações aliadas. Evidentemente que nestas bases, serão feitas substanciais reduções nos envios de material para a Russia, ao abrigo desta lei».—(United Press).

Vai a Moscovo
uma comissão americana
tratar do problema das reparações

WASHINGTON, 16.—O Presidente Truman, anunciou que foi nomeada uma Comissão de Reparações, constituida por 23 altas individualidades, para ir a Moscovo tratar com a comissão similar russa da questão das reparações a exigir da Alemanha.

A comissão norte-americana permanecerá algum tempo na Alemanha a estudar o assunto, antes de partir para Moscovo.

Truman declarou que esta comissão, de acôrdo com as comissões de reparações aliadas, farão um acôrdo justo e equitativo ácêrca das reparações «com a ideia de que dêle advirá o máximo de rahabilitação e restauração dos territórios e países destruídos pela guerra dos alemães e que nunca mais será possível de novo o rearmamento da Alemanha e do Japão.—(U. P.).

ALGARVIOS:
Amanhã inicia a sua publicação como diário o
«CORREIO DO SUL»
completamente remodelado no formato, aspecto gráfico e serviço informativo
O único jornal diário do Algarve — O único jornal que diàriamente pode dar aos algarvios de Lisboa pormenorizadas notícias da sua província
Delegação em Lisboa, Rua das Pretas, n.º 47, 2.º, Dt.º
onde se recebem anúncios e assinaturas

IMPERIUM SALÃO CHÁ
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105 - T 27527